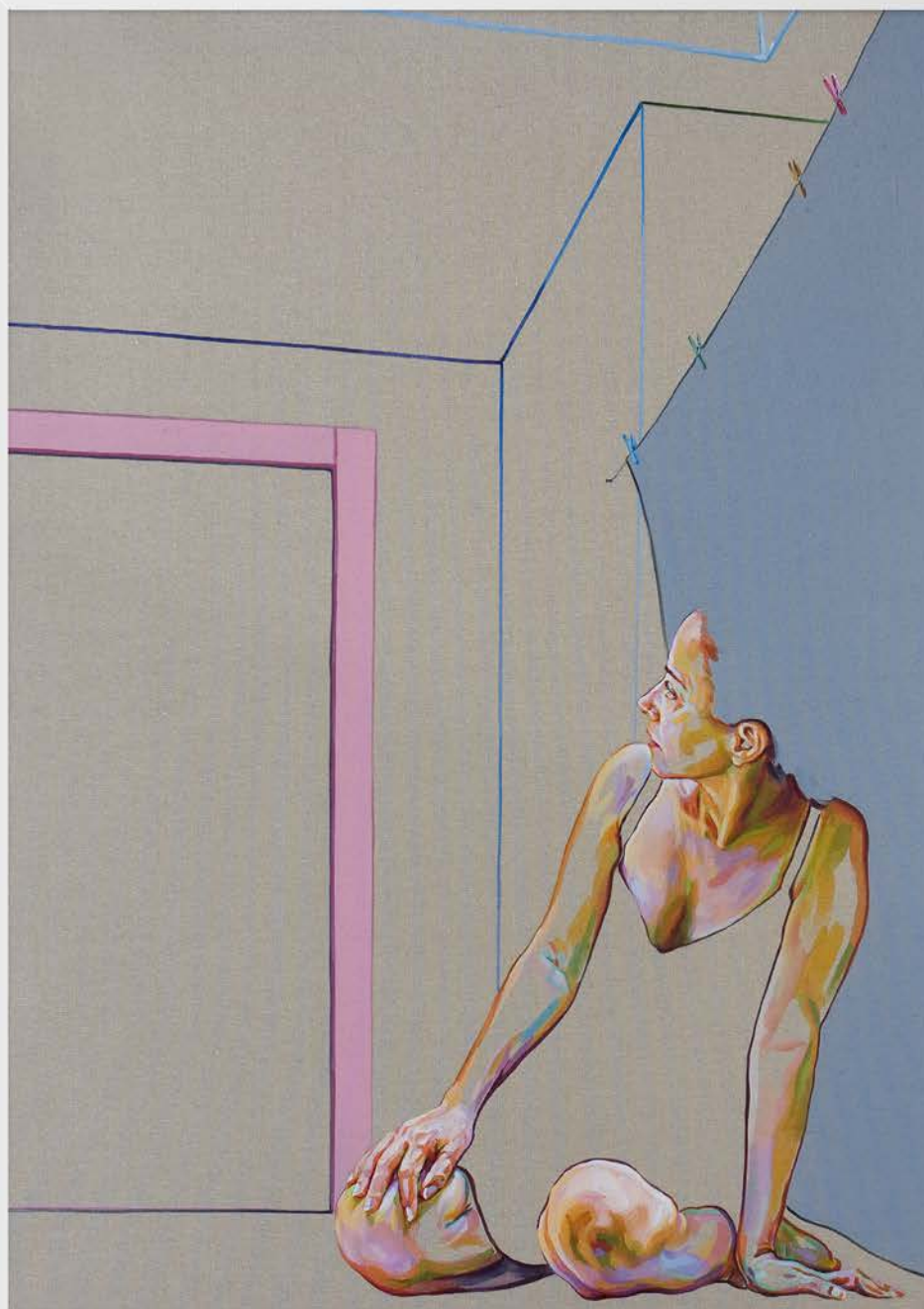


DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Consultoria fiscal e de gestão

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH
Duas décadas a apoiar empresas



p/ 06 e 07.

A Missa dominical e as Reuniões mensais da AILD! Por José Governo
Luís de Camões. Por Philippe Fernandes, Presidente da AILD

p/ 14.

Grande Entrevista

Sérgio Jacob Ribeiro, CEO e Co-fundador da Planetiers

p/ 30.

Diplomacia a arte de dizer a verdade

Por Paula Leal da Silva, Embaixadora de Portugal na Croácia

N E S T A E D I Ç Ã O

p/ 44.

Artes e Artistas Lusos Kátia Semedo

Por Terry Costa, Presidente do Conselho Cultural da AILD

p/ 50.

Ambiente A pegada ambiental da moda rápida

Por Vítor Afonso, Mestre em TIC

p/ 60.

Saúde Baixa Visão. O direito à reabilitação visual

Por Sociedade Portuguesa de Oftalmologia

Obra de capa

Artista Plástica: Cristina Troufa

Dimensões: 100 x 80 cm

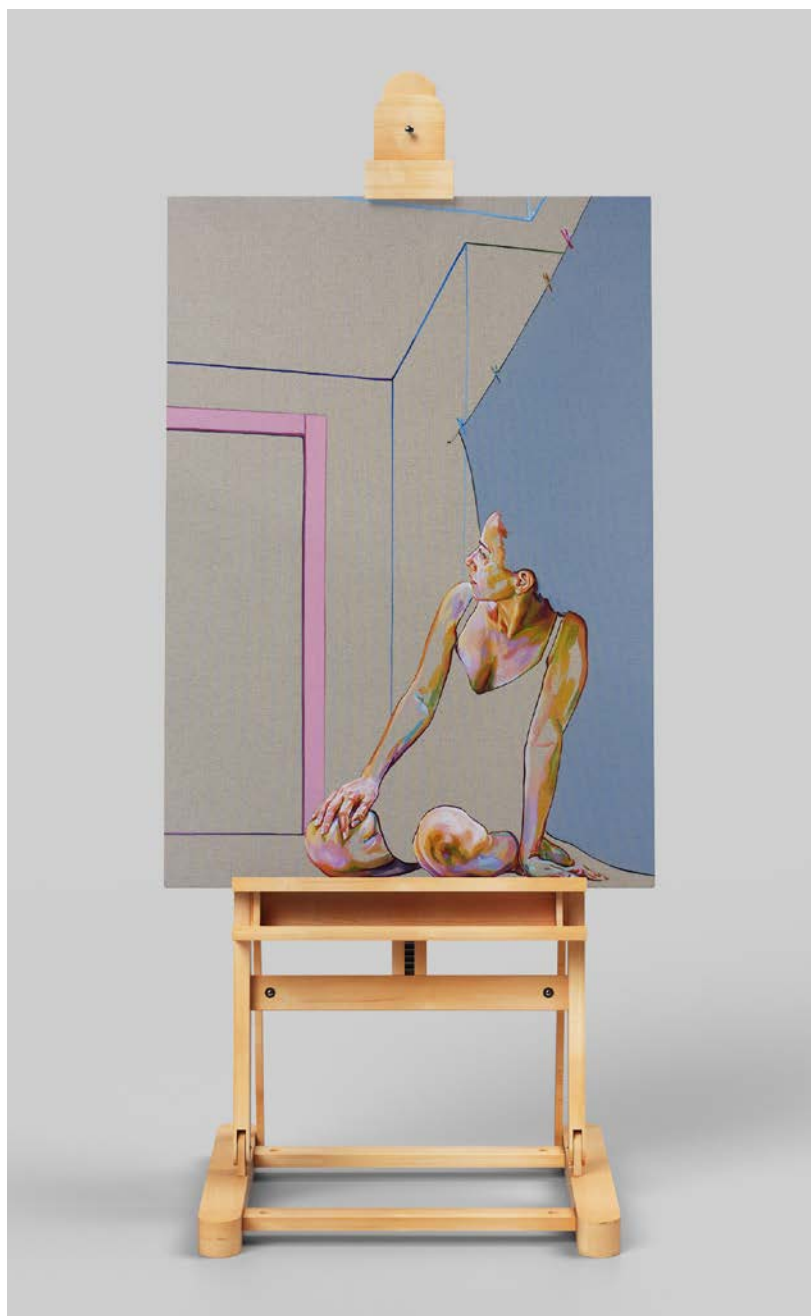
Técnica: Acrílico sobre tela

Sombras

Igual a qualquer coisa ao sol, o presente deita o passado como sombra. O gesto que temos desenha a fantasmagoria daquilo que o precedeu. Vem de longe. Todos os gestos vêm de longe. São frutos demorados que fazem do agora uma maturação.

Arrastamos por toda a parte a fantasmagoria do passado. Somos nossa vida e nossos mil mortos. Mil vezes mortos, mil vezes sem conta, a vida contando e perdendo a conta. Até ao mínimo, tudo em nós quer ser absoluto.

Valter Hugo Mãe, escritor



obrasdecapa.pt

F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** Carolina Cunha, Carolina Muralha, Cristina Passas, Diana Correia, Eduarda Oliveira, Flávio Alves Martins, João Vieira, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marinela Cerqueira, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Sílvia Faria de Bastos, Vitor Afonso | **Revisão** Fátima Pinheiro | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt | W: descendencias.pt | T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela

exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º 2, i) e j), artigo 75º n.º 2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 42, junho 2024 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

É sempre com um “novo olhar” de admiração e júbilo, que contemplo as obras da Cristina Troufa e os textos únicos do Valter Hugo Mãe. Já os percorreu todos? Evocamos Camões, nuns 500 anos de parcas e tímidas comemorações, descobrimos uma empresa que aposta na felicidade para crescer e fazer crescer os seus clientes, e porque o tema central era o ambiente e a sustentabilidade, fomos ao encantador Jardim Municipal de Oeiras entrevistar Sérgio Ribeiro, CEO da Planetiers. Não dispense a leitura! A embaixadora de Portugal na Croácia (também escritora), Paula Leal da Silva, presenteia-nos com um magnífico texto, que me fez reviver o meu saudoso passado africano. Obrigada. Amei! Percorremos o beco sem saída do homem apaixonado, Fernando Pessoa, e damos voz aos jovens, e da sempre só sua capacidade de se reinventarem e intervirem. Recebemos a memória imaterial de Virgínia Graça Amorim e voamos para Cabo Verde para conhecermos a estrela santomense Kátia Semedo. Mas nem tudo são flores no nosso jardim: a assustadora pegada ambiental da moda rápida, fez-me refletir, confesso.

E não nos deveria fazer a todos?

Trazemos dicas de bem-estar para as nossas crianças e descobrimos a nobreza dos Beldros (de leitura obrigatória). Sabia que pelo menos 2,2 biliões de pessoas no mundo têm Baixa Visão, das quais 1 bilião de causas poderiam ter sido prevenidas ou tratadas? Pela mão da Fundação AEP, fomos ao encontro dos negócios pelas nossas Comunidades, ou não tivéssemos o 10 de junho tão perto. Na lente da Descendências damos início a ilustres nomes da fotografia portuguesa, pela assinatura do Arquivo Municipal de Lisboa: Luís Pavão – que honra!

Regressamos de avião de Delft com a Sofia Teixeira – num vídeo que tem que assistir – e fomos à praia, vestidos a rigor. E como um mal nunca vem só, a acompanhar a compra desenfreada de roupa não se esqueça que tem impostos para pagar, e não são poucos!

Dia 1 julho aqui estarei para lhe trazer mais uma edição desta “prestigiada revista” – as palavras não são minhas, mas da senhora embaixadora – que eu orgulhosamente agradeço.

Boas leituras!



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

A C O N T E C E U

A Missa dominical e as Reuniões mensais da AILD!

Para muita gente ir à missa ao domingo faz parte das rotinas semanais, aquele compromisso que não se pode falhar, a não ser por motivos de força maior. As reuniões mensais da AILD também assim é, não podemos falhar! Atrevo-me até a dizer, “não gostamos de falhar/faltar”.

Todo o início do mês a AILD reúne ordinariamente com os seus membros, estando durante cerca de 2 a 3 horas em contacto direto com o mundo, pois, estão presentes membros de Portugal, do Brasil, da França, de Macau, de Cabo Verde, da Alemanha, da Suíça, do Reino Unido, da Austrália, dos EUA, entre outros.

Consideramos que as reuniões são muito importantes para a comunicação e o relacionamento interpessoal dentro das organizações. É nelas que se tem a oportunidade de estudar melhor os assuntos de interesse comum, de partilha de conhecimento dos projetos e atividades, onde cada um traz o seu ponto de vista, as suas ideias, as suas opiniões, numa saudável partilha e no alcance das melhores soluções. As reuniões devem sem dúvida fazer parte da dinâmica das organizações, visando o bom desempenho de toda equipa

em prol das melhores soluções para o alcance dos objetivos comuns.

As reuniões contribuem para o sucesso da organização, permitindo definir metas; criar sinergia na equipa; manter todos informados em torno das decisões; criar estratégias e ainda a oportunidade regular de um contacto entre todos, tendo em conta a barreira da distância física. Já tivemos reuniões em que a ordem de trabalhos era praticamente livre, sem um foco objetivo, ou melhor, o foco era a partilha, onde cada membro tem oportunidade de partilhar as suas experiências locais, os seus sentimentos e a satisfação de integrar a AILD.

É é precisamente nestas partilhas que muitas vezes surgem novas ideias e ideias inovadoras, há revelação de talentos, promove-se a integração da equipa e se impulsiona a AILD.

As reuniões da AILD permitem ainda a oportunidade de comunicações oficiais, a definição de estratégias e planos de trabalho, assim bem, como a oportunidade de trabalhar os projetos específicos das diferentes delegações da AILD. Em função do número alargado de presenças nestas reuniões or-

dinárias mensais da AILD, é possível estreitar relações e ainda a partilha do trabalho que cada um faz individualmente em termos profissionais e que tem em muitas situações permitido situações de interajuda entre membros, provocando uma enorme satisfação no seio do grupo.

Estas reuniões mensais permitem ainda avaliar resultados entre as várias ações e projetos que vão ocorrendo, fazendo balanços e ajustes de metas, programação das ações seguintes, mas também, servindo para motivar e estimular a participação.

O importante é que todos ou a maioria consiga agregar algo de positivo daqueles momentos em que estamos reunidos, muitas vezes, consoante o país em que a pessoa se encontra, a horas menos próprias.

Uma inconfidência da última reunião.... foi partilhado que o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas irá receber uma comitiva da AILD, tendo esta audiência sido preparada no contexto desta reunião, onde todos puderam contribuir e participar ativamente, ficando patente grandes expectativas. Desta audiência daremos nota na próxima edição.

O mês de junho é um mês intenso e significativo em termos de festividades para Portugal e para a língua portuguesa, uma vez que celebramos o dia de Portugal, o dia do Anjo de Portugal, e o dia de Camões e das comunidades portuguesas.

O atual Governo português, para compensar a falta de organização dos 500 anos de Camões, resolveu atribuir o nome de Luís Vaz de Camões ao novo aeroporto de Lisboa.

Luís de Camões, é um dos maiores poetas de língua portuguesa, cujo épico “Os Lusíadas” exalta as aventuras e conquistas dos navegadores portugueses durante a Era dos Descobrimentos. Através dos descobrimentos verificámos que todos os povos têm exatamente os mesmos defeitos que nós. Não somos os únicos a ter racistas entre nós, não temos o mo-

nopólio dos defeitos humanos, somos tão humanos como os povos que encontrámos.

Nestas viagens, assistimos a uma dinâmica de inter-relações tal, que mais ninguém ficou como era e houve uma profunda influência mútua, que nos marca até aos dias de hoje. A culinária portuguesa e dos povos com quem contactámos, são testemunhas disso mesmo. O próprio português é ainda um tesouro desses contactos. Saudámos o anúncio do atual Governo, que irá estudar a criação de um programa de investigação, cursos e cátedras de tétum e crioulo, línguas timorenses, cabo-verdiana, guineense e são-tomense, pois o estudo destas línguas, permite conhecer melhor o português atual, mas também o português que era falado na altura dos descobrimentos.

| A I L D

Luís de Camões

Convido-vos a descobrir qualquer obra de Ana Leal de Barros, como por exemplo o seu livro “Antologia da Literatura Timorense de Tradição Oral” e farão uma extraordinária viagem ao passado, dando uma nova perspetiva sobre a nossa ideia da língua portuguesa.

Por outro lado, permite a defesa e preservação dessas línguas irmãs do português, dando assim um contributo para a sua sistematização e valorização, permitindo conservar a memória desses povos, tendo a convicção que a língua portuguesa ainda se poderá enriquecer mais, quanto maior for o estudo dessas línguas.

Mesmo sendo o português uma língua que favorece

a unidade nacional dos países lusófonos, seria um erro não preservar tétum e crioulo, línguas timorenses, cabo-verdiana, guineense e são-tomense, etc, pois essas línguas, contêm pedaços e testemunhos das nossas relações e história, é toda uma cultura de valor inestimável que permite redescobrirmo-nos a nós próprios, à nossa história e quem fomos.

Desejo que brevemente vejamos estudantes de todo o mundo chegarem ao aeroporto Luís Vaz de Camões para estudarem nas nossas universidades o tétum e crioulo, línguas timorenses, cabo-verdiana, guineense e são-tomense, pois sem dúvida que desta forma estaríamos a celebrar Portugal, os Descobrimentos e a língua Portuguesa, o dia 10 de junho.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD



EMPRESA ASSOCIADA

Samsys

Como decidiram fundar a Samsys? Qual foi a motivação por trás da criação da empresa?

Samuel Soares: A Samsys, hoje reconhecida como uma empresa líder no setor das Tecnologias de Informação e Comunicação, teve um início humilde, mas ambicioso. Fundada em 1997, nasceu no quarto partilhado por nós, onde a paixão pela tecnologia e a visão clara de responder às necessidades do mercado de um modo personalizado e próximo seriam a nossa diferenciação. A motivação por trás da criação da Samsys foi dupla: fornecer tecnologia personalizada à capacidade do cliente com a máxima qualidade, e construir uma empresa capaz de evoluir e adaptar-se às constantes mudanças do mercado. Esta flexibilidade e visão estratégica permitiram à Samsys redefinir-se ao longo dos anos. Esta motivação tornou-se a força motriz dentro da equipa, infundindo a todos a energia e a vontade de alcançar grandes objetivos.

Atualmente, quais são os principais serviços e produtos disponibilizados pela Samsys e a quem se destinam?

Ruben Soares: Atualmente, o foco principal do negócio da Samsys, está direcionado ao mercado B2B, enquanto mantemos uma presença residual no mercado B2C. Destacamo-nos por oferecer uma ampla variedade de serviços e produtos nas áreas de Consultoria de Gestão, Engenharia de Sistemas, Agência Digital (que inclui os departamentos de Comunicação, Marketing, Desenvolvimento Web e Digital), além de Assistência e Suporte Técnico. Estes serviços e produtos são destinados a empresas de diversos setores e tamanhos, proporcionando soluções personalizadas e integradas que impulsionam a eficiência, a produtividade e o crescimento dos clientes tendo sempre por base as necessidades e capacidades do cliente.



Samuel Soares e Ruben Soares, CEO's Samsys

Quais são as características distintivas da vossa marca em comparação com outras empresas do mesmo ramo?

Samuel Soares: A Samsys, tem-se destacado no mercado pelo modo como acolhe e trata as pessoas. Ajudamos cada membro da equipa a ser a sua melhor versão. Este acolhimento inicia-se na entrevista e prossegue com um kit de boas-vindas, equipamentos, viaturas e um manual de indução. A integração é facilitada por um almoço de convívio com os responsáveis da equipa, criando um ambiente acolhedor. As condições de trabalho na Samsys são desenhadas para promover o bem-estar e a produtividade. A sede, em open space com luz natural abundante, reflete a transparência da empresa. A inovação é outro pilar fundamental da Samsys, que procura novas soluções tecnológicas para atender às necessidades dos clientes. A qualidade dos serviços é assegurada pela certificação ISO9001:2015, mantida desde 2020, demonstrando um compromisso contínuo com a excelência. A relação com os parceiros é baseada em confiança e respeito mútuo: a Samsys cresce junto com os nossos clientes e parceiros.

O compromisso com a sustentabilidade é visível através da iniciativa “DDC” (Dia do Cliente) e da troca de viaturas elétricas. A Samsys está focada em criar práticas empresariais sustentáveis e em promover atividades que trazem valor à sociedade. Esta dedicação fortalece a reputação da empresa e motiva a equipa a contribuir para um futuro melhor.

Quais são os valores fundamentais que guiam o trabalho da Samsys e como é que estes se refletem nas suas iniciativas?

Ruben Soares: Na Samsys, valorizamos o compromisso e o empenho por trás de cada iniciativa. Os valores C.O.R.A.G.E.M. – Competentes, Objetivos, Responsáveis, Ajudadores, Genuínos, Empenhados e Motivados – não são palavras vazias, mas sim o núcleo que impulsiona a nossa cultura organizacional. Durante as reuniões mensais, o objetivo não é apenas discutir metas e resultados, mas também reforçar os valores e celebrar as conquistas individuais e coletivas. Como líder, acredito firmemente na importância de reconhecer e valorizar o esforço dos colaboradores, criando um ambiente onde todos se sentem valorizados e motivados a dar o seu melhor.



Aqui, cada um tem espaço para se tornar a sua melhor versão, e é esse compromisso com o desenvolvimento pessoal e profissional que nos torna únicos no mercado. Mais do que uma empresa de tecnologia, sentem-se uma equipa de pessoas dedicadas, autênticas e determinadas a fazer a diferença.

No Dia do Cliente (DDC), todas estas indicações ganham vida, cada membro da equipa desempenha um papel fundamental desde a conceção até à realização do evento. E como todas as nossas vitórias, no final é um momento de celebração, onde não apenas reconhecemos o sucesso, mas também partilhamos momentos únicos cheios de emoções. Um dos momentos foi celebrado com um passeio de barco pelo Rio Douro antes do jantar, alargando o convívio aos familiares dos ajudadores. Este é o espírito que nos move, o compromisso que nos une e a paixão que nos impulsiona a alcançar novos horizontes juntos.

Quais são os principais desafios que enfrentaram ao empreender no ramo da Samsys e como os superou?

Samuel Soares: A Samsys foi fundada num período economicamente desafiador para Portugal. Desde cedo percebemos o ambiente desafiante em que estávamos inseridos. No entanto, foi precisamente nesta fase de incerteza que os funda-

dores da Samsys demonstraram resiliência e determinação empreendedora, enfrentando os desafios com criatividade e inovação. Essa fase inicial moldou a cultura da empresa, tornando-a mais adaptável e preparada para superar obstáculos ao longo do tempo.

Outro desafio significativo foi a rápida evolução tecnológica. A tecnologia avança a uma velocidade impressionante, e temos que nos manter atualizados para não ficarmos para trás. A pandemia da COVID-19 trouxe novos desafios. Foi uma época de adaptação constante, com o trabalho remoto, interrupções na cadeia de abastecimento e mudanças nas preferências do cliente, onde testamos a resiliência, a flexibilidade, e continuamos a olhar para o futuro com determinação.” Com investimentos em tecnologia e no desenvolvimento de talentos, a Samsys tem conseguido adaptar-se e superar os obstáculos. Hoje, somos reconhecidos no mercado não só pela excelência técnica, mas também pela nossa abordagem centrada nas pessoas.

Trabalham com clientes fora de Portugal? Os serviços da Samsys estão presentes em que países?

Ruben Soares: Ao longo dos 27 anos, a Samsys consolidou uma presença sólida em Portugal, e temos realizado traba-



lhos em países como a Bélgica, Espanha, França, Timor-Leste, em consultoria de gestão e desenvolvimentos web, embora de forma residual.

Antes da pandemia, a Samsys participou em feiras e eventos internacionais, abrindo portas para novos mercados. Essa abordagem influenciou positivamente a nossa forma de trabalhar. Apesar da interrupção causada pela pandemia, a empresa planeja retomar a internacionalização ainda este ano.

Quais são os principais planos de expansão ou novos serviços que a empresa tem para o futuro?

Samuel Soares: Os principais planos de expansão da Samsys concentram-se em dois pilares fundamentais: crescimento orgânico e diversificação dos serviços oferecidos. Pretendemos consolidar ainda mais a nossa presença no mercado nacional, fortalecendo as parcerias estratégicas e expandindo a nossa base de clientes.

Além disso, estamos a explorar novas oportunidades de crescimento internacional, retomando, ainda este ano, a nossa expansão para garantir a continuidade do nosso desenvol-

vimento. Este processo será conduzido de forma mais amadurecida, com aprimoramento dos nossos recursos internos, incluindo o desenvolvimento de software próprio e um maior conhecimento dos mercados-alvo. Estamos confiantes de que esta abordagem nos permitirá alcançar novos patamares de sucesso e solidificar a nossa posição como uma empresa líder no setor.

O que podemos continuar a esperar da Samsys num futuro próximo?

Ruben Soares: No futuro próximo, a Samsys continuará a ser uma empresa de portas e abraços abertos para receber todos com entusiasmo e dedicação.

A nossa visão é prosseguir com o crescimento, inovação e melhorias dos nossos serviços e fronteiras para responder às necessidades em constante evolução do mercado. Comprometemo-nos em manter-nos na vanguarda da tecnologia e em fornecer soluções de excelência aos nossos clientes, assegurando que a Samsys continue reconhecida como líder no setor.



Pode partilhar algumas das principais conquistas da Samsys ao longo dos últimos anos e como é que estas contribuíram para o seu posicionamento no mercado?

Ruben Soares: Ao longo dos seus 27 anos de atividade, a Samsys afirma-se como uma referência incontornável no setor, construindo uma reputação sólida baseada na excelência e inovação contínua. A empresa é reconhecida há 14 anos consecutivos como PME Líder e figura no Top 50 das Melhores Empresas para Trabalhar, evidenciando o seu compromisso inabalável com a qualidade de vida dos colaboradores. Em 2023, foi distinguida como Empresa de Excelência e está entre as Top 20 Empresas Mais Felizes, sublinhando a importância que atribui ao bem-estar no ambiente de trabalho. Tem registado um crescimento notável, com mais de 20% de aumento na equipa, refletindo o seu sucesso e expansão contínua. Este crescimento é complementado pela criação de seis novos produtos e pelo registo e certificação do software Samsys, demonstrando a sua capacidade de inovação. Para além disso, a empresa organiza o maior evento formativo gratuito - DDC - demonstrando o importância atribuída para com a responsabilidade social, que no ano passado que atraiu mais de 3000 pessoas. Promove ainda a colaboração entre equipas, evidenciada pelo quarto Retiro Anual de Direção e o nono Retiro de Liderança.

A solidez financeira da Samsys é reconhecida há 15 anos consecutivos como Cliente Aplauso pelo MillenniumBCP. A renovação da certificação ISO 9001 reafirma o seu compromisso com a qualidade e a melhoria contínua dos seus processos. A empresa tem também ganho destaque na mídia, com mais de 10 artigos publicados em revistas e mais de 10 entrevistas realizadas pelos seus CEOs, ampliando a visibilidade e influência da Samsys no mercado. Além disso, a Samsys registou um crescimento significativo em volume de negócios, consolidando a sua posição competitiva no mercado. Estas conquistas são fruto de um esforço contínuo em inovação, qualidade e compromisso com os colaboradores e clientes. A Samsys continua a olhar para o futuro com determinação e ambição, focada em superar expectativas e contribuir para o progresso da empresa e do setor como um todo.

Como sentem a portugalidade? É um tema presente na vossa empresa?

Samuel Soares: Um misto de orgulho e abertura para o mundo dentro da Samsys. A empresa valoriza profundamente as suas raízes culturais e tradições, destacando-as como elementos essenciais de sua identidade. No entanto, também ressalta a necessidade de uma abordagem inclusiva num mundo cada vez mais globalizado.



A “portugalidade” na Samsys não se limita a símbolos ou celebrações, mas é algo mais profundo – é sobre respeitar e honrar as origens da empresa enquanto abraça a diversidade e a interconexão global. Ele enfatiza como a empresa promove um ambiente onde as diferentes perspectivas são valorizadas e onde o respeito mútuo é fundamental em todas as interações.

A “portugalidade” na Samsys é um fator essencial para o sucesso da empresa, pois fortalece sua identidade enquanto a prepara para enfrentar os desafios e oportunidades de um mundo cada vez mais interconectado.

A AILD está a criar uma rede internacional de pessoas que se vão poder interligar e colaborar entre si. Como veem este projeto e quais as vossas expectativas?

Ruben Soares: É uma oportunidade emocionante para fortalecer os laços entre os portugueses espalhados pelo mundo. Acreditamos que essa iniciativa pode ser uma forma de ajudar os nossos emigrantes e ser um meio eficaz de promover a identidade portuguesa e destacar o talento e a inovação do nosso país globalmente.

Na Samsys, valorizamos muito o networking, esta rede pode ser uma ferramenta valiosa para ajudar na internacionalização de talentos e empresas portuguesas, facilitando parcerias comerciais e oportunidades de expansão para novos mercados, bem como um modo de expandir as nossas próprias

conexões e contribuir para o sucesso de outros membros da comunidade lusófona global.

Estamos ansiosos para fazer parte desta rede e ver como ela pode beneficiar Portugal e os lusodescendentes ao redor do mundo.

Tendo em consideração que esta entrevista será lida por muitos empresários espalhados por todo o mundo, que palavras deixariam sobre a AILD relativamente a esta plataforma global?

Samuel Soares: Aos empresários espalhados pelo mundo, queremos destacar a importância da plataforma global da AILD. Pensamos que esta iniciativa oferece uma oportunidade ímpar para conectar-se com uma rede diversificada de lusodescendentes em todo o mundo, abrindo portas para colaborações, parcerias e oportunidades de negócios.

Ruben Soares: Através desta plataforma, os empresários têm a oportunidade de expandir sua rede de contatos além das fronteiras. Além disso, essa rede pode servir como um canal para promover a cultura portuguesa e fortalecer as relações comerciais com Portugal e outros países de língua portuguesa. Portanto, encorajamos e, vamos estar atentos, para acedermos a todas as oportunidades de networking e colaboração que a AILD irá oferecer e contribuir para o crescimento e o desenvolvimento da comunidade lusófona em todo o mundo.



João Vieira

Diretor Geral AILD - Negócios & Empresas

DESCENDÊNCIAS
MAGAZINE

GRANDE ENTREVISTA

SÉRGIO JACOB RIBEIRO

CEO E CO-FUNDADOR
DA PLANETIERS

Sérgio Ribeiro é um empreendedor português e uma figura destacada na promoção da sustentabilidade. Formado em Engenharia Biológica pelo Instituto Superior Técnico (IST) em 2014. A sua paixão por criar projetos próprios e promover a sustentabilidade levou-o a fundar a Planetiers em 2017. Recebeu o prémio “Best Public Leader” na categoria Youth Leadership em 2020 e foi reconhecido com o prémio de “Personalidade do Ano” nos Prémios Mercúrio em 2022. Seu trabalho é uma inspiração para muitos empreendedores que buscam fazer a diferença no mundo através da sustentabilidade.



© Joana Silva

Em que circunstância nasceu a ideia da plataforma Planetiers e como nasceu a necessidade de se juntar a Carlos Carvalho?

Eu e o Carlos já nos conhecíamos bem antes da criação do conceito da Plataforma Planetiers. Conhecemo-nos enquanto colegas de estágio no Museu da Eletricidade, em

Belém, e foi aí que começámos a discutir umas primeiras ideias de projetos. Começámos por falar de temas como eficiência energética, ferramentas que ajudassem os consumidores a gerir, monitorizar e reduzir o seu consumo energético, jogos educativos para as crianças... e assim começou a história que nos leva até hoje. Muitos destes projetos não conseguimos levar adiante por razões várias, mas, acredito





que todos os passos foram uma lição. E todas estas lições foram as que levaram à criação do primeiro produto Planetiers que conhecemos hoje como o Marketplace. Foi ao sondarmos o mercado de forma intensa que percebemos que antes de criarmos mais produtos ou inovações deveríamos resolver o gap que existe ainda entre as pessoas saberem que têm que ser mais sustentáveis e efetivamente, tomarem decisões sustentáveis. Na sua vida em geral e em especial nas compras. Num mundo atual em que o “tempo” é tudo. O nosso maior ativo. A percebemo-nos que não conseguiríamos incentivar a um consumo mais sustentável enquanto exigíssemos tempo do consumidor a procurar as alternativas mais sustentáveis. Ser sustentável tem que ser acessível e conveniente e um mercado online que agregue todos estes produtos seria o primeiro passo desta caminhada. No entanto, ao longo do tempo, percebemos que ter uma boa ideia, uma comunicação eficaz e aceitação no mercado não são suficientes. O modelo de negócio é fundamental para a sustentabilidade financeira e o crescimento de qualquer empreendimento. Especificamente, o modelo de Marketplace é especialmente desafiador, exigindo muitos anos de investimento significativo para alcançar a escala necessária. E foi por isso que fomos desenvolvendo produtos e iniciativas diferentes, mas nunca perdendo o nosso propósito – scaling up inovações sustentáveis e acelerar as suas implementações ao promover mais colaboração internacional.

A quem apresentaram o projeto em primeiro lugar?

Após vários meses (penso que até mais do que um ano), a manter os primeiros projetos e ideias

no papel e a tentarmos patentear soluções, eu e o Carlos percebemos que não estávamos a avançar à velocidade que devíamos. Mais tarde, até nos apercebemos que esta metodologia não nos permitia ter uma noção real do mercado. Claro que partilhámos com alguma família, mas houve um momento decisivo na decisão e criação do Marketplace que foi o primeiro WebSummit aqui em Lisboa, em 2016. Fomos para lá os 3 dias “vender” as ideias todas que tínhamos. A investidores, outros empreendedores, empresários, comunicação social, etc..., qualquer tipo de participante que lá estivesse. E foi esta série de elevator pitch que nos orientou e ajustou o caminho para arrancar com o nosso primeiro produto, o Marketplace exclusivo a produtos mais sustentáveis.

Quais foram as principais dificuldades que enfrentaram na comunicação da vossa ideia?

Nos primeiros projetos foi muito complicado porque ouvíamos problemas e dificuldades em todas as reuniões. É difícil sair de todas as reuniões com problemas levantados pelas pessoas lá presentes. Tínhamos que ser muito bons a seleccionar as opiniões realmente construtivas, das claramente destrutivas. Quase como por magia, depois da maior série de feedbacks que recebemos durante o primeiro WebSummit, ao construirmos o produto Marketplace, com a sua missão e visão, parece que quase todos os problemas desapareceram. Apenas nos colocavam questões de possível concorrência a nível nacional e internacional. Mas olho para a concorrência de forma muito positiva, porque sei como nos diferenciamos na oferta, no posicionamento e na visão futura da empresa.



© Joana Silva

Que funções desempenha neste projeto?

Como CEO e co-fundador da Planetiers, a minha função pode ser comparada a um canivete suíço. Tenho que fazer e saber um pouco de tudo para garantir que a nossa missão seja alcançada com sucesso.

No meu dia a dia, envolvo-me em diversas áreas da empresa. Desde a definição da visão e estratégia global, até à gestão operacional e ao desenvolvimento de novos projetos, estou sempre a par de todas as atividades.

Uma parte essencial do meu papel é ouvir opiniões externas e rodear-me de embaixadores e parceiros que partilham a nossa visão e estão motivados a ajudar no crescimento da Planetiers. Estas colaborações são vitais, pois trazem novas perspetivas, ideias inovadoras e, muitas vezes, soluções

para os desafios que enfrentamos. Os nossos embaixadores são figuras-chave que nos ajudam a expandir a nossa rede e a alcançar um público mais vasto, enquanto os parceiros trazem recursos e expertise que são cruciais para o nosso sucesso. Além disso, a interação contínua com a nossa comunidade global permite-me compreender melhor as necessidades e expectativas dos nossos membros. Esta interação é fundamental para adaptar as nossas estratégias e garantir que estamos sempre alinhados com os objetivos que defendemos. No fundo, o meu papel é multifacetado e dinâmico, exigindo uma abordagem flexível e adaptável. Acredito que esta versatilidade é crucial para navegar as complexidades e enormes imprevisibilidades do mundo hoje em dia, assim como as que são características das áreas ligadas à sustentabilidade.



© Joana Silva

Como se convence as pessoas ligadas à sustentabilidade e ao ambiente a entrarem num mercado agressivo e competitivo?

A chave é mostrar que a sustentabilidade não é apenas uma tendência, mas uma necessidade urgente e uma oportunidade de negócio. Demonstramos como práticas sustentáveis podem ser economicamente vantajosas e como a nossa plataforma pode ajudar a maximizar o impacto positivo. A educação, o empoderamento e uma mentalidade empreendedora são fundamentais para inspirar as pessoas a juntarem-se a este movimento.

De que forma entende a transição energética de que tanto se fala? Não é um contrassenso destruir o subsolo para ali-

mentar uma indústria automóvel que promove a circulação automóvel individual, sendo preciso cada vez mais lítio para as baterias?

Nós tentamos ser o mais práticos possível nestas decisões. Percebemos muito cedo que: 1) para sermos práticos temos que compreender a psicologia do consumidor; 2) só assim conseguiremos responder às necessidades do mesmo com uma proposta de sustentabilidade. Assim sendo, respondendo diretamente à sua pergunta, sim, a melhor solução são transportes partilhados e transportes públicos. No entanto, sabemos que o transporte individual vai continuar e temos que ter soluções melhores do que as que temos atualmente. O carro a combustível queima combustível impossível de o reciclar ou reutilizar. O carro elétrico é verdade que



© Joana Silva

tem o seu impacto negativo no ambiente, na sua produção e no final de vida das baterias. Agora, anulando o impacto negativo comum (como por exemplo na produção), o carro eléctrico apresenta problemas que se sabe que são mais possíveis de resolver. Sabemos como produzir eletricidade renovável e limpa (precisamos é de garantir uma maior produção desta energia para alimentar os carros) e sabemos que é possível alcançar tecnologia capaz de resolver os problemas de recuperação de baterias. Ou seja, é a diferença entre seguir um caminho onde já vemos uma parede que vamos bater, ou seguir um caminho onde sabemos que no caso de surgir uma parede será possível ultrapassá-la.

“A sustentabilidade já não é uma escolha. A sustentabilidade é um fator de competitividade e negócio”. Quer-nos explicar esta sua afirmação?

A sustentabilidade já não é uma escolha porque estamos a enfrentar uma série de crises ambientais e sociais que exigem uma mudança urgente nas nossas práticas e comportamentos. A sustentabilidade tornou-se um fator de competitividade e negócio por várias razões.

Primeiro, os consumidores estão cada vez mais conscientes e exigentes quanto ao impacto ambiental e social dos produtos e serviços que consomem. Preferem marcas que



© Joana Silva

demonstram um compromisso genuíno com práticas sustentáveis. Empresas que adotam práticas sustentáveis não só atraem mais clientes, como também fidelizam aqueles que valorizam a responsabilidade social e ambiental.

Segundo, a regulação governamental está a tornar-se mais rigorosa em relação às práticas ambientais. Empresas que se antecipam a estas regulamentações estão melhor posicionadas para evitar multas e restrições, e podem até beneficiar de incentivos e apoios governamentais. Além disso, a eficiência energética e a redução de desperdícios podem traduzir-se em significativas economias de custos operacionais a longo prazo.

Terceiro, o investimento sustentável está a crescer rapidamente. Investidores procuram cada vez mais empresas com práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) sólidas. Estas empresas são vistas como menos arriscadas e mais

preparadas para enfrentar desafios futuros, tornando-as opções de investimento mais atrativas.

Em suma, a sustentabilidade não é apenas uma questão ética, mas uma vantagem competitiva. Empresas que incorporam a sustentabilidade nas suas estratégias operacionais e de negócios estão não só a contribuir para um futuro melhor, mas também a garantir a sua relevância e sucesso num mercado cada vez mais exigente e consciente.

Com quantos colaboradores e com que tipos de formações académicas contam e qual o vosso modelo de negócio?

A Planetiers conta com uma equipa multidisciplinar composta por cerca de 20 colaboradores, representantes internacionais e embaixadores, com formações variadas, desde engenharias e ciências ambientais, ou comunicação e ges-



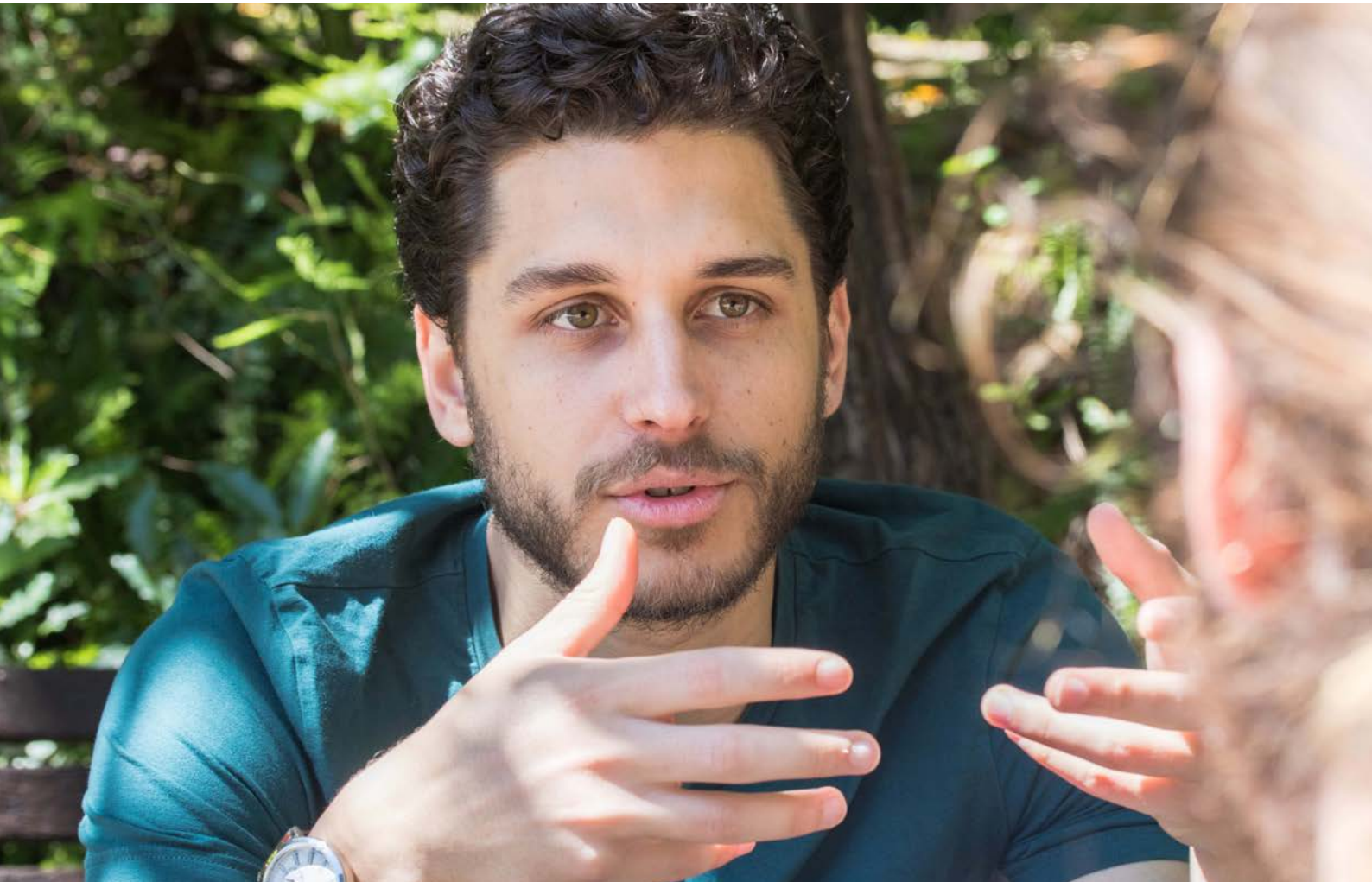
© Joana Silva

tão. O nosso modelo de negócio baseia-se na criação de valor através de parcerias estratégicas, eventos como o Planetiers World Gathering, e a nossa plataforma online que conecta inovadores e líderes.

Conte-nos um pouco sobre o Planetiers World Gathering? Porque começaram esta iniciativa e como foram as últimas edições?

O Planetiers World Gathering nasceu da nossa vontade de criar um espaço onde inovadores, empreendedores e líderes em sustentabilidade pudessem se reunir para compar-

tilhar conhecimento, experiências e colaborar em soluções que realmente impactassem o mundo de maneira positiva. Desde o início, queríamos proporcionar um palco para as ideias mais revolucionárias em sustentabilidade e conectar esses pioneiros com investidores e parceiros estratégicos. A primeira edição estava marcada para abril de 2020, mas, devido à pandemia, enfrentamos grandes desafios e tivemos que adaptá-la rapidamente para um formato híbrido. Apesar das dificuldades, conseguimos realizar o evento em outubro de 2020, com mais de 1.000 participantes diários na Altice Arena em Lisboa e mais de 20.000 participantes online de 60 países. Foi uma prova de resiliência e adap-



© Joana Silva

tabilidade, e mostrou-nos o quanto a comunidade global estava disposta a apoiar e participar ativamente nestas discussões cruciais.

As edições seguintes só reforçaram o nosso compromisso e a necessidade deste tipo de encontro. Em 2023, tivemos um aumento significativo na participação desta edição em Aveiro, com 4.000 pessoas presentes e 13.000 online, representando mais de 120 países. Este crescimento demonstra a importância e a relevância do nosso evento num mundo cada vez mais consciente das questões ambientais.

O Planetiers World Gathering é mais do que um evento; é uma plataforma de transformação onde as ideias encontram os recursos necessários para se tornarem ações concretas. Continuamos a atrair uma rede diversa de participantes e oradores, desde líderes globais a inovadores lo-

cais, todos unidos pelo objetivo comum de promover a sustentabilidade e a regeneração ambiental. Esperamos que as futuras edições continuem a crescer e a inspirar mudanças significativas em todo o mundo.

Quando se conta com organizações governamentais como parceiros não se perde o sentido e o foco na liberdade de empreendedorismo livre e independente? Quais as aspirações futuras?

Trabalhar com organizações governamentais pode trazer desafios, mas também oferece oportunidades significativas para ampliar o impacto das nossas iniciativas. Mantemos o nosso foco e independência através de uma gestão transparente e parcerias equilibradas. No futuro, aspiramos expandir



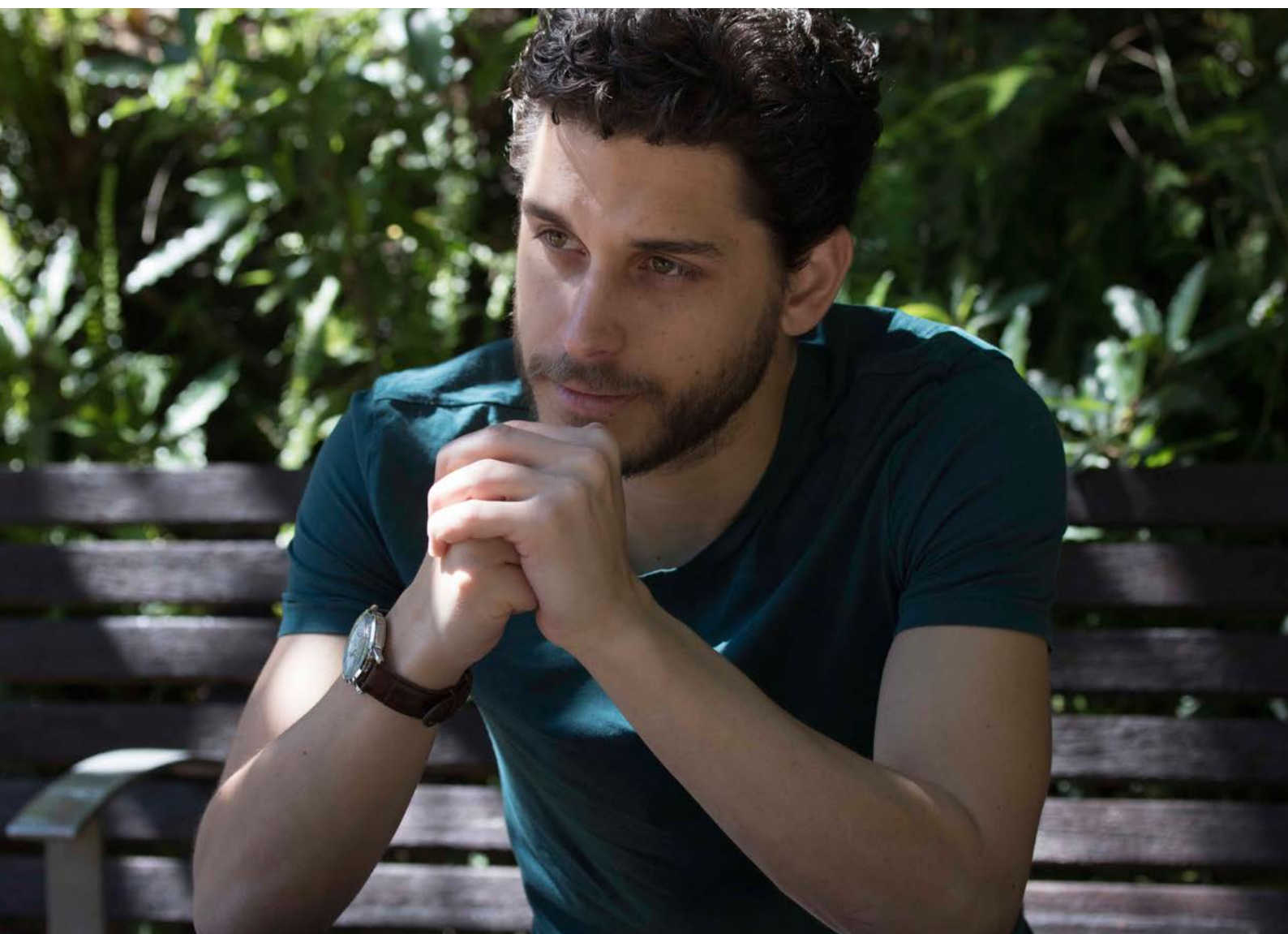
© Joana Silva

a nossa rede de parceiros globais, desenvolver novos projetos sustentáveis e continuar a crescer a nossa comunidade internacional. Teremos grandes novidades para ir anunciando nas próximas semanas e meses. Onde posso para já divulgar parte de nossa jornada de colaboração com o Brasil, em específico com o Rio de Janeiro, com quem assinámos um protocolo com Invest.Rio e Prefeitura da cidade e teremos, como arranque destes trabalhos a presença de um Palco Planetiers no maior evento de inovação da América Latina, o Rio Innovation Week, que de corre em Agosto deste ano e conta com mais de 150 mil pessoas em 4 dias.

No seu entender os municípios em Portugal, na generalidade, tem adotado medidas de sustentabilidade para a construção de um futuro mais promissor?

Em Portugal, temos visto um esforço crescente por parte dos municípios na adoção de medidas de sustentabilidade para construir um futuro mais promissor. Muitos municípios estão a implementar políticas e iniciativas focadas na eficiência energética, gestão de resíduos, mobilidade sustentável e proteção dos recursos naturais.

Por exemplo, várias cidades portuguesas têm investido em redes de ciclovias e infraestruturas para veículos elétricos, promovendo uma mobilidade mais sustentável. Além disso, há um foco crescente na eficiência energética de edifícios públicos e privados, através de incentivos para a instalação de painéis solares e sistemas de isolamento térmico. Os municípios também estão a investir na gestão sustentável dos resíduos, promovendo a reciclagem e a compostagem, e reduzindo a utilização de plásticos de uso único.



© Joana Silva

Há programas de sensibilização ambiental nas escolas e campanhas para envolver a comunidade na adoção de práticas mais sustentáveis.

No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer. Nem todos os municípios avançam ao mesmo ritmo e, por vezes, há falta de recursos ou de conhecimento técnico para implementar certas medidas de forma eficaz. É fundamental que exista uma colaboração contínua entre os governos locais, as empresas e a sociedade civil para partilhar boas práticas e desenvolver soluções inovadoras.

E acima de tudo é importante que as lideranças tenham a coragem de tomar iniciativas transformadoras e estabelecer visões ambiciosas que vão definitivamente trazer os seus dividendos mais tarde.

Já nos pode revelar como vai ser o Planetiers World Gathering 2024 que vai decorrer de 20 a 22 de outubro em Aveiro?

É com grande entusiasmo que posso revelar alguns detalhes sobre o Planetiers World Gathering 2024, que decorrerá de 20 a 22 de outubro em Aveiro. Este evento será uma verdadeira celebração da inovação e da sustentabilidade, reunindo alguns dos maiores líderes e pioneiros nesta área. Vamos ter três dias intensivos de palestras inspiradoras, workshops interativos, exposições de tecnologias sustentáveis e inúmeras oportunidades de networking. O nosso objetivo é criar um ambiente onde as ideias podem florescer e as parcerias estratégicas podem ser formadas, acelerando assim a transformação sustentável global. Esta será a

edição mais focada de sempre em provocar o matchmaking certo de oportunidades com necessidades, e soluções com potenciais impulsionadores destas mesmas.

Uma das novidades deste ano será a inclusão de novas áreas temáticas, como a inteligência artificial aplicada à sustentabilidade, a economia circular e a transição para energias renováveis de forma inclusiva e justa. Vamos também focar-nos na regeneração das cidades, discutindo como podemos transformar os espaços urbanos em locais mais verdes, saudáveis e resilientes.

Além disso, estamos a planear várias experiências imersivas que permitirão aos participantes ver e sentir as soluções sustentáveis em ação. Haverá demonstrações ao vivo, tours técnicos e exposições que mostrarão como a sustentabilidade pode ser integrada em diferentes aspetos da vida quotidiana e empresarial.

Este ano, contamos também com a participação de várias delegações internacionais, o que trará uma perspetiva ainda mais global e diversa ao evento. Temos novidades interessantes para anunciar relativamente à globalização do ecossistema Planetiers, de forma a trazer mais oportunidades para os seus membros e aumentar o potencial colaborativo entre países como Portugal, Brasil, Emirados Árabes Unidos, Índia, EUA, entre outros.

Estamos confiantes de que o Planetiers World Gathering 2024 será um ponto de viragem para muitos, inspirando ações concretas e soluções inovadoras que podem ser replicadas em todo o mundo. Estamos ansiosos por acolher todos em Aveiro e por juntos darmos mais um passo significativo rumo a um futuro mais sustentável e próspero para todos.

Que balanço faz destes 7 anos de Planetiers?

Fazendo um balanço destes sete anos de Planetiers, posso dizer que a jornada tem sido incrivelmente desafiadora, mas também extremamente gratificante. Desde o início, quando lançámos a nossa plataforma para produtos sustentáveis, até ao crescimento do Planetiers World Gathering, vimos um progresso significativo na sensibilização e adoção de práticas sustentáveis.

Tivemos muitos momentos marcantes, como a nossa primeira edição do Planetiers World Gathering em 2020, que apesar das dificuldades impostas pela pandemia, conseguiu unir mais de 2.000 participantes presenciais e 20.000 participantes online de 60 países. Este evento demonstrou a necessidade e o desejo global de encontrar soluções sustentáveis e reforçou a nossa missão de criar um impacto positivo no mundo.

Ao longo destes anos, enfrentámos desafios, especialmente na comunicação da importância da sustentabilidade e na adaptação a circunstâncias imprevistas como a pandemia. No entanto, cada desafio superado nos tornou mais resilientes e determinados a continuar a nossa missão.

Um dos maiores sucessos tem sido a construção de uma comunidade global de mais de 15.000 pessoas, provenientes de mais de 100 países. Esta rede não só partilha o nosso compromisso com a sustentabilidade, mas também trabalha ativamente para desenvolver e implementar soluções inovadoras. Temos orgulho em ver como muitas das ideias discutidas nos nossos eventos se transformaram em ações concretas que estão a mudar o mundo para melhor.

Nestes sete anos, os outcomes das nossas ações são incríveis.





© Joana Silva

veis. Organizámos milhares de horas de formação e consciencialização em escolas, empresas e para a sociedade em geral. Criámos ligações internacionais que perduram até hoje e já deram origem à internacionalização de empresas com enorme potencial de crescimento.

Um destaque especial vai para a criação do InSuRe.Hub, uma colaboração entre a Planetiers e a Universidade Católica do Porto, que já conta com mais de 50 empresas a bordo. Este hub oferece um dos melhores cursos de Chief Sustainable Officer do país, e arrisco-me a dizer, da Europa. Além disso, várias empresas e fundos de investimento estão agora em conversações com cidades em Portugal e noutros países para se fixarem nesses territórios com o nosso apoio. Olhando para o futuro, estamos entusiasmados com as oportunidades de continuar a crescer e a expandir o nosso impacto. Com a globalização do ecossistema Planetiers, esperamos trazer ainda mais oportunidades para os nossos

membros e fortalecer a colaboração internacional em prol da sustentabilidade. Em resumo, estes sete anos têm sido uma viagem incrível de crescimento, aprendizagem e impacto, e estamos ansiosos pelo que o futuro nos reserva.

Deseja fazer uma saudação especial dirigida aos leitores da Descendências Magazine, incluindo as nossas comunidades portuguesas disseminadas pelo mundo, que vão ter o gosto de ler a sua entrevista?

Claro, gostaria de enviar uma calorosa saudação a todos os leitores da Descendências Magazine. Agradeço pelo vosso interesse na nossa missão de sustentabilidade. Convido todas as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo a juntarem-se a nós nesta jornada para construir um futuro mais sustentável e próspero para todos. Juntos, podemos realmente fazer a diferença.



© DR

DIPLOMACIA

A arte de dizer a verdade

De muito nova trago eu na memória o encanto das Áfricas, a sul.

Um encanto desconhecido de outros continentes, palpável, quase, genuíno, único, hostil pela intensidade das cores, do clima, da paisagem, pelos aromas, pela coragem dos animais selvagens. O mar é revoltoso, embora possa parecer sereno, e profundamente azul. A terra tem a cor do ouro, e sucede-se por infinitas paragens. O céu, às vezes fingin-

do bonança (sempre que a tempestade, ruidosa e assoladora, intimida o ar) dá-nos cambiantes imensos, e tão depressa se põe cristalino como se cobre do negro das nuvens que, num ápice, o assolam. Depois, a noite cai fulgurante, tão inesperadamente que quase assusta, como se para sempre encerrasse, acredita-se naquele instante, a magnanimidade do pôr-do-sol. Vale sempre a pena descrever o lugar onde se vive, onde se traba-

lha, porque tudo muda se o lugar muda, sobretudo para esta classe de nómadas que todos nós diplomatas somos - em permanente transformação, sem a possibilidade de fazer planos, sem se saber que país nos calhará em sorte a seguir; tão depressa em locais onde a guerra deflagra, imprevista, como em sítios pacíficos e plenos de amenidades; tão depressa em países mais exigentes, em vários sentidos do termo, como em

Estados com os quais a agenda bilateral com Portugal se mostra ágil, florescente e multifacetada. Não deve esquecer-se nunca a importância do lugar físico, no trabalho de um diplomata, porque ele toma conta de nós e abraça-nos o quotidiano. Faz-se de certo modo ali, na cidade imensa, vibrante de acontecimentos e de progresso, longe da natureza e de certas coisas simples, quase fechada à individualidade. Mas já tem de se fazer de modo diverso nesse outro burgo, mais pequeno, onde os habitantes se cruzam todos os dias, ou então nesse outro, pobre, onde os cidadãos lutam para sobreviver, onde o Verão dura o ano todo, ou não. Porque os lugares e os povos, sendo profundamente diversos, obrigam o diplomata a saber adaptar-se, para se sentir em casa e poder exercer as suas funções proficientemente.

O posto era em África, num clima tropical e por vezes sufocante, um lugar novo, ainda que antigo de séculos, onde a natureza, com a sua pujante verdade, nos mostrava, dia a dia, um real inalterável. Afeiçoei-me a ele, sim, à sua gente feliz, ao absoluto de uma realidade jovem, à robustez da terra selvagem, onde esvoaçantes sementes tomavam assento, para aí fazerem crescer frondosas árvores de fruto, de que ninguém cuidava por não ser preciso, que o tempo disso se encarregaria, através da chuva, intercalada de céu azul. E os troncos dessas árvores serviam para a brincadeira e os seus frutos alimentavam os largos sorrisos das crianças. Nem ruídos que não proviessem da luxuriosa natureza nem bulícios artificiais aborreciam aquela cidade. A vida era autêntica ali e isso refletia-se no

nosso trabalho, na Embaixada, gosto de acreditar que positivamente.

Um trabalho que incluía muitas valências, parte de uma agenda bilateral intensa, completa e diversificada, como na cooperação e ajuda ao desenvolvimento, em saúde, educação, formação e treino, intercâmbio de experiências no campo institucional, judicial, económico, fiscal, agrícola, no relacionamento político-diplomático e no setor consular, quer em relação a cidadãos portugueses, residentes ou de passagem, quer em relação a cidadãos locais. Da Chancelaria via-se o mar. Arranji forma de me sentar em frente da janela, para que, em horas de silêncio, pudesse ouvir a moção inalterável das ondas. Que privilégio. Depois, o lindo edifício da Embaixada ficava ao lado de um liceu, pelo que os alunos, demoradamente, se sentavam nos muros do paredão da praia, em intervalos das lições, mirando com doçura o oceano com os seus rires plenos, como se tudo lhes fosse benevolente, sempre. Lembro, muitas, desse tempo. Uma vez, assisti a uma Missa numa pequena igreja. Quando entrei, apercebi-me da singeleza do altar e das figuras de santos esculpidas, que pareciam povoar de movimento o pequeno templo. Mas só quando só saí me dei conta de que, olhando através da porta aberta, toda a Igreja era afinal um corredor sacro, que do altar, em linha reta, parecia desembocar diretamente no azul do mar e na espuma branca das suas ondas.

São pormenores líricos, dir-me-ão, que nada significam em termos da ação de um Embaixador de Portugal, mas é um engano. O lugar também integra a minha profissão, as pessoas igualmente, o modo de viver e de ser, o passado na

História, o presente imbuído de atualidades, por vezes dramáticas, como a pandemia ou a guerra, o presente cheio de acontecimentos e de eventos destinados a marcar momentos, a comemorar, a firmar contratos entre empresas, ou Tratados entre os Estados, o futuro nas previsões de agendas, na definição meticulosa de calendários para a realização de ações em comum, a negociação de ideias do interesse de ambos os países, a preparação de diligências, quando um Embaixador é chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do país anfitrião para lhe serem pedidas explicações sobre este ou aquele tema, ou então para lhe serem adiantadas informações, por vezes de enorme interesse para o seu país, por vezes graves, por vezes muito positivas.

Tive, ao longo da minha carreira, alguns momentos delicados, sobretudo depois de ser Embaixadora, porque a responsabilidade, claro, muito recrudescer quando se exerce a função de representar formalmente a nação portuguesa junto do Estado onde somos acreditados (ou junto de uma Organização multilateral). Penso muitas vezes, ainda que sempre com boas recordações, nesses episódios um pouco mais embaraçosos. Aprendi com cada um deles. Aprendi sobretudo – ao contrário do que parece ser a ideia generalizada que prevalece na opinião pública a propósito do trabalho de um diplomata – que a arte da diplomacia consiste em saber como dizer a verdade, mesmo se essa verdade for incómoda para o nosso interlocutor. Depois, o conteúdo da verdade não varia, não pode variar, senão desvirtuá-la-íamos e deixaria de ser verdade. O propósito com que temos



© DR

de a dizer é simples, passar a mensagem ao nosso interlocutor. Pode ser uma verdade relativa a Portugal ou relativa ao Estado onde servimos, pode ser uma verdade positiva, mas também pode ser negativa, relevante ou não tanto. O que não se deve é dizê-la de qualquer modo, nem em qualquer circunstância.

Exemplifico.

Acontece o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Estado no qual servimos, nos pedir ao Chefe de Missão uma justificação sobre algo sucedido em Portugal relacionado com esse Estado. Há, com efeito, ocasiões, todas as conhecemos, em que se alude publicamente, de forma deveras negativa, a outro país, seja por parte de entidades, instituições ou altos oficiais, seja em deliberações do Parlamento português (lembro-me, nomeadamente, de um voto de pesar na Assembleia da República, sobre o genocídio arménio). Esse outro país, tendo-se apercebido da situação pelos Media ou por relatos feitos pelo seu Embaixador em Lisboa, pode pretender, por razões suas, pedir esclarecimentos ao Embaixador de Portugal. Ora como justificar deliberações ou sequer opiniões, por mais negativas que sejam, proferidas em liberdade a propósito de outro Estado soberano? Não existem manuais de instruções sobre este tipo de episódios, até porque, como precedentemente frisei, o tipo de explicações a dar e a forma como as damos muito dependem do lugar, dos nossos interlocutores e do país em si. Dependem, evidentemente, também, do

assunto em causa, das circunstâncias em que foi abordado e por quem, em Portugal. Por vezes, sabemos-lo, não há realmente uma justificação – o que se passa numa nação soberana e livre simplesmente passa-se. Uma opinião de alguém, expressa publicamente, sobre outro Estado pode ser apenas uma opinião e pode até ser errada. Mas são circunstâncias, de uma forma ou de outra suscetíveis de criar dificuldades ao Embaixador que, sem melindrar os visados, tem sempre de defender o interesse nacional. Se uma fórmula genérica houvesse para situações assim, seria, a meu ver, a seguinte – deverá começar-se por detalhadamente ouvir o que o interlocutor tem para nos dizer, entender, com a profundidade possível, o teor de quanto nos diz, incluindo os pormenores factuais que corrige, em relação por exemplo a um texto aprovado em Lisboa. Já me sucedeu determinada deliberação em Portugal conter erros factuais de datas, sobre a história de uma nação onde servi. Nesse caso, conferidos que estejam esses erros, acabei por agradecer a correção, notando que a mesma seria transmitida às minhas autoridades. Depois, cumpre tentar explicitar ao interlocutor a razão que levou à adoção da dita deliberação ou à expressão de uma opinião ou ponto de vista. Normalmente essa razão tem plausibilidade, pois Portugal é um país extremamente cuidadoso – embora a certos atores políticos possa faltar contenção – não só na ação diplomática, mas também no modo como alude a outros Estados, na vida política quotidiana. Por outro lado, a difícil arte de saber dizer a verdade, sem ocasionar suscetibilida-

des no outro, deverá sempre evitar o caminho do confronto, da contradição por contradizer. Ainda que não estejamos de acordo, há sempre modo de acordar que em certos pontos discordamos, mas que em outros coincidimos.

Depois, a situação inversa.

Recordo uma ocasião em que um membro do governo do Estado onde servia, numa cerimónia pública, em que eu e esse Ministro eramos oradores, criticou abertamente o governo português da altura, ainda que de forma simpática, perguntando-me como era possível que o meu governo fosse daquele determinado partido e não de outro, que, em seu entender, teria sido o real vencedor das eleições. Há sempre um momento, neste tipo de situações, em que o pensamento voa à procura da resposta acertada que consiga, a um tempo só, não vulnerar o visado – a quem teremos sempre (e rapidamente, noto) de retorquir, pois o silêncio implica consentimento, não sendo opção – mas também defender, com a necessária veemência, o nosso país e o nosso governo. Também para ocorrências assim, inesperadas, não existem manuais, muito dependendo do bom senso, do raciocínio e da habilidade de cada um. Se me saí, na ocasião, bem ou mal, a outros caberá dizer, mas sei que a minha resposta fez o Ministro acenar com a cabeça, parecendo esclarecido.

Igualmente recordo, nos tempos da crise financeira, haver sido quase invetivada, juntamente com o colega grego, numa reunião com várias Organizações Não-Governamentais e

Think tanks, sobre a situação complexa que os dois países enfrentavam. Como pudemos, respondemos ambos, procurando justificar algo dificilmente justificável, como era a quase bancarrota em que vivíamos e que parecia incompreensível àqueles ouvintes pragmáticos, exigentes e distantes, que desconheciam por completo a realidade portuguesa, mas a quem os dados macroeconómicos objetivos traziam à expressão do olhar e ao tom da voz certo desdém.

Outra vez aconteceu que atores políticos portugueses decidiram apoiar, presencialmente, um candidato da oposição às eleições, no Estado em que eu me encontrava acreditada. A ocorrência enfureceu o governo em funções desse mesmo Estado, e tenho de reconhecer que com alguma razão, tratando-se de uma nação soberana. Vários Ministros me chamaram, então, bramindo a ameaça de que expulsariam, de imediato, todos os portugueses que se tinham deslocado ao país, no propósito de apoiar a campanha eleitoral desse candidato da oposição, caso não partissem os mesmos, de imediato, por sua livre vontade. Era inaceitável a ideia. Seria vista em Portugal como uma afronta e tudo fiz para que não se concretizasse. Entretanto, a situação tornava-se cada vez mais volátil pela atitude expansiva dos apoiantes do referido candidato, entusiasmados com a solidariedade prestada, in loco, pelos cidadãos portugueses presentes. Aqueles decidiram então promover um enorme ajuntamento no jardim da Embaixada e em torno do edifício. Terá sido porventura das gestões mais



difíceis que me vi constrangida a fazer, não só pelas ameaças que referi, mas também pelas manifestações e arruadas eleitorais a decorrerem na Embaixada de Portugal. Tudo acabou em bem, felizmente, entre vaivéns de Ministério para Ministério, dentro e pelas mediações da Embaixada, em conversas com responsáveis vários, pessoas de bem, cuja posição eu até entendia, mas que não podia aceitar. A fórmula dessa gestão não foi estudada, por falta de tempo, antes surgiu de forma quase instintiva. Ainda assim revelou-se eficaz, entre o equilíbrio do interesse nacional que tinha de ser – e sempre deve ser – impreterivelmente prosseguido e alguma capacidade de persuasão, desvalorizando factos que irritavam os interlocutores, amenizando impactos e exortando os manifestantes a adotarem uma postura de adicional sobriedade. Certo foi que nenhum compatriota veio a ser expatriado e que – ironia a que evidentemente Portugal se deve considerar alheio – o referido candidato da oposição acabou por vencer as eleições. Ao longo da minha carreira nunca estive colocada em países em guerra ou sujeitos a calamidades naturais que afetassem diretamente a capital, onde residem os Chefes de Missão. Não vivi, portanto, esse tipo de terríveis situações. Ainda assim, aconteceram incidentes de alguma gravidade, ameaças de golpes de Estado, tiroteios esporádicos, demasiado perto da Embaixada e casos de confrontos e de protestos com alguma gravidade. O bom senso aconselha a que nos protejamos, bem como à nossa equipa, e ajamos com serenidade, pois quanto mais tensa for a ocorrência mais precisa se torna a ponderação. O stress, as reações intempestivas, quando acontecem situações inesperadas que envolvam alguma violência, nunca ajudam e nada resolvem. O Chefe de Missão tem sempre de dar o exemplo e convém que esse seja um bom exemplo. O repto será justamente quando a violência ameaça eclodir, ou se já eclodiu, manter essa tão preciosa calma...

Ocorrem depois, na vida diplomática, episódios quase caricatos que devemos encarar com descontração, no intuito de os não valorar. Sucedeu-me, numa cerimónia formal, estender a mão para saudar um interlocutor, conforme fiz com muitos outros presentes na dita cerimónia, e este haver ostensivamente recusado o meu cumprimento, por razões religiosas. Não se trata de um problema grave ou sequer digno de particular nota, mas na presença de tantas outras pessoas, o ostensivo da recusa perturba, fazendo-nos sentir o centro das atenções, não pelos melhores motivos.

Nesta carreira outro elemento existe que, pelo menos a mim, e sobretudo no início, inquietava. Trata-se da exposição, da necessidade de falar em público, de subir tantas vezes ao palco para discursar, olhando lá de cima a mancha inerte de

espectadores suspensos do que dissermos, em língua outra que não a nossa; se nos enganamos, se esquecemos o texto, ou a razão de ali estarmos, como algumas vezes, nos exames orais da Faculdade de Direito, me aconteceu, só me valendo a extrema compreensão do docente que me avaliava. Os portugueses, pelo menos no meu tempo assim sucedeu, não são na escola ensinados a discursar, povo tímido, e algo introvertido que somos, privilegiamos certo recato e contenção, ao invés de extroversões, o que nos traz encanto e talvez se possa relacionar com a propensão que temos para o recolhimento, com méritos únicos na poesia. Hoje em dia, aliás, essa tendência será agravada, por todo o mundo, com a desvalorização, nos sistemas de ensino, das disciplinas de Humanidades, para um foco cada vez maior nas matemáticas e ciências, em detrimento da cultura geral, da filosofia e da história. Certo é que, na carreira diplomática, a todo o momento, sejamos ou não Chefes de Missão, precisamos de ser dinâmicos e algo afirmativos, sobretudo em eventos públicos, onde invariavelmente deveremos discursar para audiências mais ou menos alargadas. Com o decorrer dos anos, todos nos habituamos a tal, claro, mas falar bem em público, preparar uma alocução com interesse e ideias novéis e originais, sobre seja que tópico for, desde questões de energia até à apresentação do Prémio Nobel português de literatura não é nunca tarefa fácil. Pelo menos para mim.

Um aspeto deveras importante no exercício da minha profissão, prende-se com o lado humano, e tantas vezes deveras perturbador, com que somos frequentemente confrontados. Colocada num país paradisíaco, aonde muitos portugueses viajavam como turistas, soube um dia que, num restaurante famoso, um pouco distante da cidade capital, um turista fora atingido pela queda de uma árvore milenar, que, inopinadamente, se despenhara sobre o telhado do espaço. Para voltar ao meu lema de que os lugares onde estamos fazem a diferença, diria que também neste tipo de tragédia assim sucede. O posto era numa nação pequena, onde todos se conheciam, pude por isso não só saber imediatamente do sucedido, mas também juntar-me à vítima, mesmo antes de a ambulância chegar ao hospital, a fim de, com a minha presença ali, seguir os acontecimentos, apoiar no que fosse necessário e confortar, quanto pudesse, a mulher do ferido, que se encontrava em estado de choque, como se compreende. Caso o acidente tivesse ocorrido numa grande capital dificilmente eu saberia do mesmo tão depressa, dificilmente poderia estar no Hospital a tempo da ambulância, dificilmente teria obtido um apoio quase exclusivo, e tão humano, diretamente de Ministros, para ultrapassar certas formalidades locais. O caso que



© DR

ora relato teve um triste desfecho porque o cidadão veio a falecer no hospital. Sua mulher estava desesperada e só, num país de si desconhecido, sem família e sem realmente entender o que tinha ocorrido. O apoio das autoridades locais para que, o mais depressa possível, o corpo pudesse ser trasladado para Portugal, em termos da emissão da certidão de óbito e de outras formalidades necessárias, foi excecional, e eu lembro-me que um dos Ministros até se deslocou ao hospital, no sentido de acelerar o processo. A disponibilidade e a generosidade de todos os meus interlocutores ensinaram-me muito, de como a bondade também pode ser institucional...

Um elemento que igualmente reputo de importante, no exercício da função diplomática, prende-se com o espírito de equipa que um Embaixador deve saber incutir a todos os funcionários de uma Missão. No caso em apreço, os meus colegas da Embaixada foram todos inexecedíveis, trabalhamos sem horas nem descanso por toda a noite. Nesse espírito de equipa a que aludo, cumpre precisar que todos são importantes, ainda que a hierarquia deva, claro, estar presente; tanto representando Portugal (em sentido prático e não formal, mas relevantemente) o rececionista, que atende as pessoas e as reencaminha para os serviços competentes da Embaixada, como eu própria.

Um Embaixador, embora tenha opinião e seja seu dever expressá-la aos seus superiores, em última instância, cumpre ordens. Por outro lado, nos tempos que correm, atenta a velocidade com que a informação circula, um golpe de Estado ocorrido de madrugada será instantaneamente conhecido em Lisboa, antes mesmo de o Embaixador haver conseguido iniciar o seu relato ou telefonar às suas autoridades. Noto, outrossim, a miríade de opiniões e de ideias expressas a cada

momento, sobre todos os assuntos, relevantes ou superficiais, pela sociedade civil, redes sociais, Media, ONG's, pela Academia e por todos os atores políticos, económicos e culturais. Há ainda a revolucionária realidade da Inteligência Artificial, que tanta apreensão causa e em relação à qual estamos a procurar, quer o *modus faciendi*, quer o *modus vivendi*. Os diplomatas, entendendo a vertigem da mudança que em recentes décadas radicalmente alteraram o nosso modo de viver, também a essa novidade tiveram de se adaptar, como todos, aliás. Poderia, em conformidade, pensar-se que a função de um Embaixador haverá perdido relevância. Não é assim. O contacto humano continua a ser indispensável, a abordagem certa traz a um Estado ganho de causa. Mas, atualmente, um relato endereçado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, se se referir a assuntos do domínio público, tem de pressupor que os factos que relata são já conhecidos de todos. Cumpre, por conseguinte, adicionar à informação factual valores acrescentados. O conhecimento que se tem do país de onde se escreve, a enunciação de possíveis motivações mais obscuras que os jornais não identificaram, a definição de eventuais consequências para Portugal de quanto se relata, a antecipação de caminhos que dessa informação factual possam vir a desenhar-se, quer internamente para o país em causa, quer na cena bilateral, regional ou internacional...

A quem me peça conselho sobre a vida diplomática eu diria ser enleadora, envolvente, comovedora e única. Mas também diria ser necessária alguma coragem. Para viver em postos longínquos, alguns com menos boas condições, outros de difícil adaptação por questões de clima ou de estilo de vida. Coragem para nunca parar, para de quatro em quatro anos

mudar, para ver a casa, na véspera da mudança para outro país, atulhada de enormes caixas de cartão com as coisas de sempre, aquelas coisas eternas que fazem de um sítio qual-quer um lar só nosso, livros, retratos, lembranças. Pensar no futuro. Para onde vou no futuro? Em que lugar estarei? Perto, distante, fácil, exigente, soalheiro ou cinzento. Essa sensação de não pertencermos a lado nenhum, embora sejamos mais portugueses do que nunca, porque ao representar o país, tornamo-nos, um pouco, ele. Essa sensação de a nossa vida ser decidida por outrem, de acordo com o interesse nacional. Coragem para conseguir acolher e gerir, de bom grado, o espírito nómada a que nos vergamos por escolha e por paixão, mas pelo qual se paga o preço da instabilidade, da insegurança e da incerteza. Coragem para se enfrentarem, além disso, os males da nossa família, que anda de lugar em lugar, sem ter escolhido tal modo de vida, que é só nosso, os filhos adolescentes que se queixam ruidosamente de deixar para trás amigos do coração, o cônjuge que não pode trabalhar...

Se eu voltasse atrás, digo – com a noção de se tratar de um cliché – faria exatamente o que fiz e haveria de escolher para mim esta profissão que amo. E, no entanto, há quase quarenta anos, quando me tornei funcionária do Ministério dos Negócios Estrangeiros, depois de ter sido advogada e de ter dado aulas na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, parecia-me tudo estranho e demasiado vago. Nos primeiros anos, não acreditava na solidez de nada, e muitas vezes pensava em mudar de ofício. Foi paulatinamente, quase sub-repticiamente, que passei a amar o que fazia. A carreira diplomática representou, na minha existência, um acaso que correu bem, desses que nos mudam para melhor a vida, ainda que o meu casamento não tenha resistido a tão ambiciosa escolha.

Também queria sublinhar o orgulho que tenho em Portugal, pesem embora as tantas vicissitudes que a carreira diplomática enfrenta, por escassez de recursos humanos e financeiros. Aprendi, com enorme aprazimento, que o nosso é um país profundamente respeitado pelo mundo fora, em todos os continentes. Essa simpatia generalizada facilita muito o nosso trabalho, ajuda os assuntos a evoluírem com fluidez, permite aos nossos compatriotas acederem a lugares de enorme relevo em Organizações Multilaterais. Ao contrário de outros pontos de vista, deveras em voga, diria, depois, não ser Portugal um país pequeno, nem em território nem em população. A nossa dimensão acaba por ser média. Mas o mais relevante não se prende com a dimensão física, julgo, mas sim com o alcance da História de Portugal, com o facto de sabermos ouvir e entender e aceitar e apreciar qualquer outra cultura, longínqua, ou próxima, de sermos, todos os portugueses, diplomatas, ao longo dos séculos, e de assim haveremos forjado quase 900 anos de História e de soberania. Enfim, parece tempo de terminar tão breves palavras, que, de nenhum modo, se destinam a resumir a essência da tão nobre carreira diplomática, mas sim a dar conta, aos leitores desta prestigiada revista, de alguns casos que vivi, mais ou menos difíceis, que assim é a vida, mas que tanto me ensinaram, de mim própria, dos outros, da História universal, da História de Portugal, do lastro do tempo, da imensa variedade dos povos, da sua forma de ser e de agir, do modo como o passado das nações lhes influencia o presente e, tantas vezes, quase completamente, lhes determina o futuro, da relevância de estarmos disso cientes, das motivações psicológicas das ações dos povos, ao longo do tempo, que tanto podem visar o bem coletivo, como a desgraça e a disrupção, das reações previsíveis de certos Estados, como das imprevisíveis, que ninguém antecipou, que ninguém viu chegar e que, num ápice, atordoam o mundo.



Paula Leal da Silva
Embaixadora de Portugal na Croácia

Presságio

O amor, quando se revela,

Não se sabe revelar.

Sabe bem olhar p'ra ela,

Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente

Não sabe o que há de dizer.

Fala: parece que mente...

Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,

Se pudesse ouvir o olhar,

E se um olhar lhe bastasse

P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;

Quem quer dizer quanto sente

Fica sem alma nem fala,

Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe

O que não lhe ousou contar,

Já não terei que falar-lhe

Porque lhe estou a falar...

Fernando Pessoa

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Espaço aos jovens



Existe um tema que parece transversal às comunidades portuguesas do mundo inteiro que é a implicação dos jovens tanto nas atividades como no movimento associativo. Quando penso nisto é óbvio que o meu primeiro reflexo é olhar para a minha própria comunidade. E quando faço

isso, ponho de lado os preconceitos que possa vir a ter sobre os jovens e a implicação para simplesmente olhar para aqueles que se implicam. Por mais incrível que pareça vejo uma série de jovens implicados na minha comunidade que por vezes até me assusta.

A desconstrução desta ideia que os jovens não estão implicados tem que fazer parte do discurso de todos, desde dos nossos dirigentes comunitários aos políticos aos próprios conselheiros. Se olharmos bem para as nossas próprias comunidades vamos encontrar uma série de jovens nos mais diversos meios, sejam eles económicos, sociais, comunitários ou até políticos. Ainda recentemente na minha comunidade foram eleitas duas jovens lusodescendentes para cargos no Conselho de Administração da Caixa Portuguesa Desjardins. Seria longa a lista de jovens implicados na nossa comunidade tanto em ranchos folclóricos, em associações como a Associação Portuguesa do Canadá, em Filarmónicas, no Conselho da Diáspora Açoriana, e outros tantos organismos que compõem à nossa comunidade. Isto tudo para dizer que o preconceito da falta de preocupação das gerações mais novas para «coisas da comunidade» tem de ser desmontado pelos exemplos que existem e também com o discurso político. Eu próprio sendo jovem e sendo também um eterno positivo acredito cada vez mais na presença dos jovens nas mais diversas formas de implicação comunitária.

Cada vez que ouço que os jovens não se implicam penso sempre naqueles pioneiros que aqui chegaram que eram jovens da altura e que criaram tudo do zero. Não tenho modelos a não ser aqueles deixado para trás em Portugal, e foram criando muitas e vastas organizações nas comuni-

dades. Muitos deles fizeram aquilo que outros hoje temem: cometer erros. Ver os jovens cometer erros é das coisas mais normais da vida, e ainda bem. Por isso, deixo aqui um recado em forma de segredo: se deixar os jovens em frente de organizações, eles vão se enganar.

Recentemente num convívio de um grupo folclórico da nossa comunidade deparei-me com a preocupação muito grande dos jovens ali presentes em não ver as coisas desaparecer. Se naquela noite eram 10-12-20 jovens com esse sentimento, imagino o numero elevado de jovens da nossa comunidade com esta preocupação.

Agora resta fazer aquilo que eu acho o mais importante para o futuro das nossas comunidades: criar espaço para os jovens. Um espaço seguro onde não haverá interferências dos velhos do Restelo. Há alguns anos atrás um dirigente associativo disse-me que estava disposto a deixar o seu lugar a um jovem e que ele ficava por trás. Eu achei isto giro, mas disse que o erro era exatamente esse «ficar por trás». Com todo o respeito que eu tenho por ele, acho que muitos dirigentes cometem este erro. Um erro normal de quem tem medo de ver desaparecer as «coisas da comunidade».

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, por isso os jovens mudarão o papel dos organismos e transformarão a imagem das nossas comunidades. Sendo um eterno positivo, sei que será para melhor.



Daniel Loureiro
Conselheiro das Comunidades Portuguesas



© História Social de Angola

HISTÓRIA SOCIAL DE ANGOLA

Virgínia Graça Amorim

A Enfermeira e as Fugas dos Universitários Nacionalistas dos PALOP's

A estudante de enfermagem Maria Virgínia Graça Amorim Liahuca que frequentou o Lar da Liga Evangélica de Lisboa a partir de 1957. Os dados encontrados no livro de registo da Residência da Liga de Acção Missionária e Educacional indicam ser uma estudante residente no interior de Portugal e depois em Lisboa, embora não residente a historiografia desta memória material – O Lar 122 – estará incompleta se não forem incluídas as atividades extracurriculares dos estudantes universitários angolanos, realizadas em camaradagem com outros estudantes protestantes e não protestantes.

Este relacionamento é um veículo para novas gerações conhecerem a dinâmica das relações sociais e outras entre os vários estudantes provenientes das diversas missões protestantes de Angola e residentes em diversos bairros de Lisboa, maioritariamente associados à Casa dos Estudantes do Império, ao Movimento Estudantil Angolano (MEA) e a Operação Angola realizada em 1962 a qual esta estudante, não interessada em política, foi uma das cem protagonistas.

A entrevistadora Judite Luvumba inicia a conversa apresentando o propósito da HSA “antes da Plataforma História Social de Angola (HSA) várias pessoas convidaram-me a dar testemunhos para estudos e livros e sempre recusei, mas desta vez alguém inteligentíssimo falou-me de um trabalho interessante de uma plataforma online sobre de história social de Angola apresentada na primeira pessoa, life history contada na primeira pessoa. Ela editou um livro, referindo-se à fundadora e neste processo verificou a quase inexistência de dados biográficos da história social contada por angolanos e depois há dois anos contou-me as intenções da plataforma”. Estamos a trabalhar já há dois anos e nesse trabalho falamos deste Lugar de Memória dos bolseiros missionários e um dia fala-me da existência de um livro onde os visitantes foram deixando assinaturas e eu noto o teu nome, e disse-lhe seres uma pessoa que pode ajudar e organizamos esta visita”.

Depoimento realizado na pizzaria, praia da Areia Branca, em Lourinhã, onde fomos atendidas por um angolano descendente de santomenses e de ovimbundos, naturais da província do Huambo que se consideram “retornados” e pergunta-

nos se falamos umbundu, Virgínia diz-lhe “sou enfermeira, estudei aqui, vim para aqui aos doze anos, pago pelos meus pais, sou enfermeira obstetra e escolhi Lourinhã há 30 anos”, e ele diz ser filho de Avelina uma contemporânea de Virgínia, natural do Huambo. O jovem demonstra alegria por encontrar pessoas da terra, por persistir na procura dos seus familiares em Angola, e a mãe dizer-lhe sempre “diz sempre de onde vens” e como bons angolanos ligamos a Avelina para falar-lhe em umbundu. E dissemos-lhe “agora encontrarás a tua família” e nesta espontaneidade africana interagimos com o nosso conterrâneo.

Centrou o seu depoimento na Operação Angola, uma heroína desta operação também conhecida como a Fuga dos 100. Não se considera política, mas a companheira do político José João Lihuca e amiga de políticos e por isso torna público o traumático desaparecimento físico do seu esposo, não na perspectiva de história política ou dos partidos políticos angolanos, mas na perspectiva da história social dos primeiros estudantes universitários beneficiários de bolsas missionárias protestantes cuja juventude e história social é intrínseca a uma época da história das sociedades da África lusófona, o início da época denominada “nacionalismo angolano” que a nível organizacional levou a formação de três movimentos de libertação nacional em Angola cuja maior realização foi a libertação do império colonial português.

Finalmente, nunca é demais recordar que a história da sociedade angolana pós independência também deve tratar da inclusão da história social destes jovens cujo desempenho social foi predominantemente político, caso contrário criar-





© História Social de Angola

se-ia um hiato entre a história política e a história social deste país. Uma outra dimensão da história das sociedades na primeira pessoa é a relação social com cidadãos de outros países, por isso é incontornável a inclusão de depoentes não angolanos, como é o caso desta cidadã santomense cujo desempenho na sociedade de refugiados angolanos nos Congos e mais tarde em Angola, sobretudo no sector da saúde contribui para a saúde e bem estar.

Introdução

Eu conheci o Liahuca em 1955, apresentado por Pedro Sobrinho, irmão do Paulo Silvio de Almeida, Desidério Verissimo da Costa e ainda um outro sobrinho, e ele diz-me “Virginia temos um colega, um amigo...”.

Estudantes São Tomenses em Lisboa (1949-1961)

Eu já estava em Lisboa, vim em 1949, tinha doze anos, os meus pais mandaram-nos estudar para aqui, eu e a minha irmã gémea Lourdes. Apanhamos o barco, passamos mal, enjoamos, mas cuidaram muito bem conta de nós, a enfermeira e o médico, deram-nos uns comprimidos para enjoos e depois era só brincadeira até chegarmos a Lisboa, em Setembro de 1949, fizemos dez dias de São Tomé a Lisboa. Desembarcamos, tínhamos família à nossa espera, a família materna, meu nome é Maria Virgínia da Graça de Amorim. O meu falecido tio, Dr. Dias da Graça era irmão da minha falecida mãe Maria Helena, estava casado com uma cabo verdiana, a Dona Áurea, a que chamávamos tia-mana, residimos na Estrela, Rua Dr. Teófilo Braga n.º 25, com esta família.

Lá vão as belezas de doze aninhos, cheias de frio, em Setembro, vestidinhos todos bonitos, feitos pela mamã, iguais aos casaquinhos e a tia trouxe umas mantas, porque já sabia como iríamos chegar a Lisboa, desembarcamos e lá fomos para casa.

Estudantes africanas do Colégio Nossa Senhora da Bonança (1949-1953)

O colégio era em Vila Nova de Gaia, Colégio Nossa Senhora da Bonança, para onde os santomenses normalmente enviavam as filhas para prosseguirem os seus estudos. Estávamos todas lá, a Joana, a Marina Santiago e a Alice Menezes, todas estudavam ali e então o papá pôs-nos todas ali, como eram mais velhas assim tomavam conta de nós e as freiras. Até hoje existe, no meu tempo, em 1949 era internato e externato e nas férias íamos para a casa da tia-mana. Fizemos aqui a admissão ao Liceu e estudamos até ao terceiro ano.

Na passagem do 4º ano para o 5º ano como tínhamos exames fomos para o colégio em Parede, a tia-mana disse que como já estávamos crescidas podíamos ficar mais próximos. No entanto, passamos por Santarém, Bafureira. Eu tive um episódio no colégio porque a madre bateu-me com a régua e eu peguei na régua e bati na madre, revoltei-me, adolescência! “Não tens nada de me bater, quem me bate é o meu pai e o meu pai não está cá e nem a minha mãe; oh pai tira-nos daqui porque aqui gostam muito de bater”. Fomos para o colégio das Bafureiras, eram mais liberais, madres franciscanas, não

havia aquelas regras rígidas, indumentárias, etc. Estivemos neste colégio entre o 3º e o 4º ano.

A seguir, fomos para o colégio em Parede onde fizemos o 4º e o 5º ano, fizemos no liceu de Oeiras. No entanto, quando chega a altura das provas, como éramos gémeas “éramos cara chapada”, a minha irmã faz primeiro por se chamar Lourdes e eu a última por me chamar Virgínia, e o professor começa:

- Tu quem és?
- Eu sou a Virgínia
- E a outra?
- A Lourdes, já fez exames
- Mas, vocês são muito parecidas
- Somos gémeas!

Ele desata-se a rir e então:

- Isto é uma brincadeira!
- Pois é! Somos parecidas, o senhor professor tem razão

E depois começa a prova de matemática que se inicia com geometria e diz-me:

- Olha ali para aquele cantinho
- Aquele cantinho está cheio de teias de aranhas

Ele desata-se a rir, não faz a pergunta, não faz nada, e foi para o quadro, todos desatam-se a rir, ganhei (sorrisos)

- Para já é um retângulo, mas está cheio de teias de aranhas. Era verdade!

Passei e um certo dia pergunto a mana Lourdes:

- Oh mana Lourdes o papá é que está a pagar os nossos estudos, é um sacrifício, já viste que aqui é tudo caro, embora em escudos, mas é muito caro! Eu pensei fazer um curso médio e se eu quiser continuar a estudar continuo a minha custa, já não vou por o papá a pagar”
- Eu concordo, olha eu quero ser professora
- Eu quero ser enfermeira.

Escola de Enfermagem Rockefeller

É assim que aparece em 1955 o meu nome na Escola de Enfermagem Rockefeller, que hoje é a Escola Nacional de Saúde, Instituto de Oncologia, faço o 1º ano e depois falo com a diretora:

- Olhe, eu tenho ideias de ir para África, quando acabar o curso eu vou para São Tomé, aqui é só cancro, oncologia, mas na minha terra há outras doenças, há obstetrícia, e há pediatria, há outras necessidades.
- Muito bem.

Vamos estudar, entretanto as aulas começaram em Setembro e a Casa dos Estudantes do Império (CEI) tinha sempre reuniões, atividades e nós frequentamos e é por aí que eu conheço o Sobrinho e os outros angolanos que depois vêm apresentar o José João Lihuca, em Dezembro havia uma festa de natal ou do fim do ano.

Qual é a diferença entre a CEI e a Hospedaria da Liga Evangélica?

A CEI é a associação que ficava no Arco do Cego, onde todos os estudantes das antigas colónias se encontravam, na altura a Casa das Colónias, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné Bissau, Angola, Moçambique e Timorenses que na altura vinham poucos, eram mais os de Goa, Damão e Dio. Não era internato, realizavam-se conferências, festas, jantares, almoços, carnavais, danças e outras atividades. O Lar Alameda da Linha das Torres ficava no Lumiar e recebia os estudantes que vinham das Missões. Então, todos os que tinham a bolsa missionária, como o Calvino, Lihuca, o Silvio, o Sobrinho e o Desidério, o Daniel Chipenda também esteve, mas depois foi para Coimbra, mas continuou a ir ao Lar ter com eles. Não conheci o José Chipenda, conheci também o Teodoro Chitunda e muitos mais.



História Social de Angola

| ARTES E ARTISTAS LUSOS

Kátia Semedo

[Website oficial](#)

[Facebook](#)

[Instagram](#)

[Spotify](#)



Nasceu em São Tomé em 1994. Kátia Semedo é o resultado mais palpável, da interação profunda entre santomenses e cabo verdianos transmitida de geração em geração. A voz de Kátia Semedo é uma emanção da melodia “Kem Mostrabo és Caminho Longe pa São Tomé” de Cesária Évora. Os avôs paternos de Kátia Semedo descobriram o caminho longe para São Tomé como serviçais contratados na década de 50 do século XX, para trabalhar nas roças de cacau de São Tomé. Os avós maternos são nativos de São Tomé. A união entre o pai de origem caboverdiana e a mãe fôrro de São Tomé, gerou a voz que no século XXI canta “Caminho de São Tomé”.

Em 2005 ganhou o concurso de pequenos cantores promovido pela embaixada de Cabo Verde em São Tomé e representou a diáspora cabo-verdiana na gala internacional de pequenos cantores que teve lugar na cidade da Praia-Cabo Verde.

Como nasceu o sonho de ser cantora?

Sinceramente não sei. Não houve um acontecimento em concreto que me fez despertar o interesse pela música. A conexão com a música, já nasceu comigo. Ela faz parte de mim, desde que me entendo como pessoa. Mas lembro que por volta dos meus 6/7 anos de idade (se a memória não me falha), passava na RTP um programa chamado Operação Triunfo. Eu adorava tudo aquilo. Era mágico. Os artistas participantes, os jurados, o palco a plateia. Eu imaginei viver tudo isso um dia. Esse programa fomentou o meu sonho de ser cantora.

Foi necessário sair de São Tomé para concretizar esse sonho? Porquê?

Foi no meu País natal que fiz as primeiras tentativas de cantar para o público. Aos 10 anos participei do meu primeiro concurso de música.

Fui vencedora e o gosto pela coisa ia crescendo a cada experiência. A decisão de sair de São Tomé envolveu outras questões, mas também levava na bagagem a vontade tremenda de realizar o meu sonho de menina-’’ cantar, cantar e cantar’’. Em 2005 após ter conhecido Cabo Verde ’’terra de vovó’’ pela primeira vez, pareceu que tudo se encaixava e que era a ferramenta que procurava para desenvolver o meu campo musical. Desta forma, passados 9 anos, em 2013, quando resolvi mudar para Cabo Verde, percebi que na terra de Morabeza eu tinha maiores chances de ser o que eu sonhava ser.

Quais são as suas principais influências musicais?

Na minha infância eu ouvia muito a dupla Brasileira Sandy e Júnior, Celine Dion, Cesária Évora, Ildo Lobo, Bana, Tito Paris, Lura, Nancy

Vieira. Ouvia cantores Nacionais como João Seria que predominava a nossa play list em casa , Pepê Lima, Kalú Mendes, Guilherme Carvalho, Juca, Aylton Dias e entre outros.

Foram importantes as suas participações nos concursos musicais para a sua carreira?

Sem dúvida. Ter tido a oportunidade de participar da gala internacional de pequenos cantores em





2005 (Cabo Verde), do Concurso Revelação Vozes da Diáspora 2011 (Portugal) e 2013 (Luxemburgo) e entre outros concursos de vozes em São Tomé e Cabo Verde foram cruciais para o meu crescimento como artista.

Essas participações serviram para eu me descobrir e amadurecer o espírito artístico que há dentro de mim. Experiências únicas que lavarei para toda a minha vida.

Recentemente disse à agência Lusa que “quer voltar a conectar a relação musical entre São Tomé e Cabo Verde”. É uma missão? Quais são os seus objetivos?

Eu penso que a ligação entre São Tomé e Cabo Verde transpassa a questão histórica e cultural. Essa interação tornou-se também carnal e espiritual. A prova disso, sou eu. Mas sim, porque não. O restabelecimento destas culturas musicais só traria benefícios para todos. E se depender de mim, tudo farei para que o mesmo aconteça.

Sente-se mais cabo-verdiana ou são-tomense?

Sou uma santomense cabo-verdiana. Corre nas minhas veias o sangue e a história destes dois países. Portanto, eu sou apenas eu e carrego comigo a bandeira destes dois Países que para mim são irmãos .



Lançou recentemente o disco “Caminho de São Tomé”. O que representa este seu novo trabalho?

“Caminho de São Tomé” representa a minha história. Essa história que começou desde a partida dos meus avós contratados de Cabo Verde para São Tomé e em contrapartida a minha vinda para Cabo Verde. Contextos diferentes mas que se encaixam harmoniosamente e que é representativo para uma

boa parte de cabo-verdianos que tiveram que imigrar.

Abandonou a enfermagem para se dedicar exclusivamente à música. É possível viver apenas da arte?

A palavra abandonar é muito forte. Não abandonei. Apenas tracei caminhos que não permitem que a enfermagem ande de mãos dadas, pelo menos por en-



quanto. Ela é uma arte e como tal, também exige muita dedicação e disposição. Viver apenas da música nos dias de hoje é muito difícil, para não dizer quase impossível. Principalmente para aqueles que escolheram uma carreira voltada para a música tradicional.

Quais são os seus projetos para 2024?

O EP “Caminho de São Tomé” é novo e

por isso ainda estamos centrados na sua maior divulgação com previsão de concertos dentro e fora do País . Mas é claro que temos no forno novidades que podem vir a ser lançadas neste Verão, espero eu.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

“Lutemos pelo que nos faz sentir vivos e livres”.



Terry Costa

Presidente do Conselho Cultural da AILD

A M B I E N T E

A pegada ambiental da moda rápida

Na actualidade, as indústrias ligadas ao sector têxtil, mormente, as cadeias de venda de roupa de baixo custo, assemelham o seu *modus operandi* numa oferta constante de novos modelos, produção em massa e preços extremamente baixos, que resultam num elevado volume de vendas, que por seu lado se reflectem em graves consequências para o meio ambiente.

A indústria da moda representa um consumo exagerado de recursos naturais, onde se incluem elevadas necessidades de água e grandes áreas

de terras para cultivo de algodão e de outras fibras utilizadas na produção dos tecidos.

Perante estes impactes ambientais, a União Europeia está a tomar medidas a vários níveis ao abrigo do plano de economia circular até 2050, não só para reduzir o volume de resíduos produzidos, mas também para aumentar o ciclo de vida dos materiais utilizados e promover a sua reciclagem.

A Agência Europeia do Ambiente estima que, em média, cada cidadão do bloco comunitário seja “responsável” por gastos de 9 metros cúbicos de água e necessite de 400 metros quadrados de terra e 391 quilogramas de matérias-primas para satisfazer as suas necessidades

em termos de vestuário e calçado. A título de exemplo, para fabricar uma simples t-shirt de algodão são necessários 2700 litros de água doce. Importa ainda referir que a compra de têxteis na UE gerou valores na ordem dos 654 kg de emissões de CO₂ por consumidor e, em média, as pessoas consomem, por ano, na ordem dos 26 kg de produtos ligados à indústria têxtil e deitam ao lixo cerca de 11 kg de roupa usada, que acaba incinerada ou depositada em aterros. Ora, estes números são preocupantes.

Em termos de contaminação, estima-se que a produção têxtil seja responsável por cerca de 20% da poluição da água potável à escala mundial devido ao uso de herbicí-





das, pesticidas e outros produtos químicos utilizados no tingimento e no acabamento das peças.

Todavia, a contaminação das águas continua a jusante, pois, em apenas uma única lavagem de uma peça de vestuário de poliéster estima-se que ocorra a libertação de cerca de 700 000 fibras de microplásticos que poderão vir a entrar na cadeia alimentar. Globalmente, a cada ano, a lavagem de produtos sintéticos provoca a acumulação de mais de meio milhão de toneladas de microplásticos nos oceanos. Além disso, a poluição provocada pela produção têxtil tem implicações na saúde das populações, dos ani-

mais e dos locais onde as fábricas se localizam.

Ao nível das emissões de gases com efeito de estufa, as estimativas apontam para cerca 10 % das emissões de carbono a nível mundial.

Os números da reciclagem também não são animadores. Grande parte dos resíduos têxteis acabam depositados em aterros e as taxas de reciclagem são muito baixas, se tivermos em conta que apenas 1% do vestuário reciclado é transformada em novos produtos.

Por outro lado, os níveis de doação de roupa têm baixado, assim como os consertos de roupa usada. Em muitos ca-



sos, fica mais barato comprar uma peça de roupa nova. A justificação para este aumento desenfreado do consumo de moda rápida está, em grande parte, relacionado com a publicidade produzida pela indústria têxtil e com a sua promoção através dos meios de comunicação social que a fazem chegar a mais pessoas e a um ritmo cada vez mais rápido.

Perante isto, que soluções poderão ser adoptadas pelos consumidores e pelas marcas? Quer uns, quer outros, poderão apostar em produtos mais duráveis e em soluções mais sustentáveis e conscientes, nomeadamente, promovendo a reutilização e a reciclagem, numa vertente de economia circular.



Vítor Afonso
Mestre em TIC



LUSO-CRIANÇA

Dicas de bem-estar

Hoje inicio um novo tema, nesta rubrica, num tempo em que todos precisamos de estar mais fortes e capazes de enfrentar os desafios que os novos tempos nos impõem. Começo por revelar-te as vantagens do uso do sal integral: inteiro. Os chineses foram os primeiros a encarar a produção de sal como um negócio de grandes proporções. Desde o século XIX a.C., eles obtinham cristais de sal fervendo água do mar em vasilhas de barro.

Além de ser bom ao paladar, o sal é uma necessidade vital. Sem sódio, o organismo seria incapaz de transportar nutrientes ou oxigénio, transmitir impulsos nervosos ou mover músculos – inclusive o do coração.

O sal é um cristal e por isso, emite ondas eletromagnéticas que podem ser medidas pelos radiestesistas. Ele tem o mes-

mo cumprimento de onda da cor violeta, capaz de neutralizar os campos eletromagnéticos negativos. Isto é física e não crendice.

Quando chegas da praia e te sentes revigorado, não é apenas porque estás de férias, é mesmo por causa da água salgada do mar. Já chegou ao ocidente o hábito de se fazer um escalda pés com sal antes de dormir.

Revigora todos os órgãos, pois nos pés existem muitos pontos de contacto com todos os órgãos do teu corpo.

Experimenta o sal integral, pois o refinado fica desprovido de todas as vitaminas e sais minerais.

Fazer isso nos pés dos bebés, tendo cuidado com a temperatura da água – bom condutor – pode ser garantia de uma noite melhor dormida.



Madalena Pires de Lima
Escritora



Amarantus

Blitum L. 719.

TRADIÇÕES LUSAS

Os beldros

as ditas ervas da pobreza

De prólogo a esta viagem comestível, claro está!

Não pode faltar esta [exclusa] sopa de beldros que ainda providencia muitas cozinhas caseiras durienses em épocas veranicas. Nem será necessário ter horta, basta passar por perto de uma. É de feitura rápida e dá para uma família das grandes.

Num tacho de amanhar sopas aguadas, ou de arranjar caldos mais guarnecidos, junte três a quatro batatas médias cortadas aos quadrados pequenos, aí uma ou duas cenouras fatiadas às rodela para arrumar gosto adocicado e deitar alguma cor à sopa, azeite que não lhe falte, e leve a cozer em água temperada de sal. Esmague tudo com um garfo e acerte os temperos – sal ou tantinho de presunto gordo e azeite, um enfeite de salsa ou de hortelã. Uns minutos antes de servir acrescente-lhe as folhas dos beldros esfarrapadas, depois de uma ligeira cozedura e de bem escorridas, e deixe levantar novamente a fervura. Fácil, muito fácil!

Não há erva tão ruim que não tenha a sua virtude...

Ditado popular

Porque abundam muitos outros, também eles comestíveis

os beldros que, nesta altura, compro na praça de Miranda à dona M^a do Céu, os nossos, os beldros-mansos, (os) bredos-de-comer, bredos-roxos ou bledos, ao que me parece, apenas em falares populares junto à raia galega e castelhana, denominações alargadas a diversos taxa, incluindo de outras famílias botânicas

a espécie *Amaranthus blitum* L. (ou *Amaranthus lividus* L.)

é uma planta espontânea em Portugal Continental (também aparece na ilha da Madeira), cosmopolita, oriunda da América tropical e subtropical, herbácea de folhas tenras e flores muito pequenas. São ervas de boas hortas e de colheita cautelosa. Servem para preparar sopas, caldos e esparregados — até para ajeitar guisados — enganar omeletas, tortas e tortilhas, se for caso disso. Sempre cozidas para remoção das substâncias indesejadas – saponinas, nitratos, ácido oxálico (...), e água da cozedura sempre rejeitada.

Coisas da lexicologia. O vocábulo “bredo” [“bledo”] será [?] originário do termo grego blíton [blíte], «idem», através do latino blitu-, [blitum], «bredo». Porém, «beldro», pelo que nos transmite a maioria dos dicionários de língua portuguesa, é um provincianismo transmontano. Inclusive, tal como na Galiza, em sentido depreciativo, como sinónimo de sujo e envelhecido ou de espírito insultuoso e difamatório, e a “beldra”, como rameira. Ou tudo isto será um distúrbio fonético? No entanto, parece que já usávamos a palavra «beldro», em todo o território nacional, como identificativa para a espécie *Amaranthus blitum* L. (e outras aparentadas) desde o séc. XIX. Por sua vez, *Amaranthus* procede do grego *amaranthos* que querará dizer a “flor que não murcha” ou, talvez, aludir à imortalidade daquele ser [adjectivo usado por Dioscórides para se referir à planta e ao nome associado ao local *Amaryntus* e ao templo *Amaryntia* – da deusa Ártemis – na ilha de Euboea pela mitologia grega]. Inexplicavelmente tais palavras – beldro ou bredo, assim como outras... – foram enxotadas do erudito Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa [Verbo. Lisboa, 2001]. Vá lá alguém explicar [-me] tão estouvados esquecimentos!



Esta [velha] família *amaranthaceae* que se pavoneia com flores de veludo que mais parecem as moncas de uma perua acabada de cortejar – ‘moncos-de-perú’ tal como de aproveitamento a denominam os populares mazatecos de Oaxaca, terra da enigmática Maria Sabina, [principalmente em relação às espécies *Amaranthus caudatus*, a tal erva que tanto incomoda a indústria dos agro-químicos pela sua resistência aos glicosatos, *cruentus*, *hybridus*, *spinosus* ...], que a incorporam na tenrura dos seus quelites e numa multidão de ingredientes para colorir o extravagante mole verde — desde que abarcou as *chenopodiaceae* [APGII 2003] das acelgas e dos catassóis já conta com mais de centena e meia de géneros e umas duas mil e quarenta espécies. E nenhum membro deste género *Amaranthus*, «difícil», que agrupa setenta espécies das quais dezassete são de folhas «fáceis» que se podem comer, tem sido discriminado por ser tóxico, mas, quando crescem em terrenos de culturas recorrentes a fertilizantes químicos, são bem conhecidos por concentrarem nitratos em doses significativas nas suas folhas. Nitratos que hoje se sabe estarem implicados em distúrbios complexos de saúde.

É por isso desaconselhável consumir esta planta se for recolhida em solos sujeitos a práticas agrícolas abusivas.

Além disso há que ter em conta que o *Amaranthus*

hybridus L.

— o [tal] beldro-vermelho muito comum em terrenos cultivados — pode hospedar nematoides, e consumido em exagero na quantidade e na frequência, tal como com outras espécies arroxadas, seja inadequado ao regular funcionamento dos rins. Não deixam de ser ervas [ditas] da pobreza e de potencial a rondar o infinito.

Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia... de Garcia de Orta – o alentejano que ainda foi clínico do azarento D. João III – impressos em Goa, 1563, [Imprensa Nacional. Lisboa (1983)], a primeira obra de farmacopeia médica e a primeira (europeia) editada na Ásia, já lhe floreira agradáveis elogios, e *Anchora Medicinal* para conservar a vida com saúde..., 1721, de Francisco da Fonseca Henriques, o doutor Mirandella na magnânima corte de D. João V, onde são discretas as virtudes que lhe possam ser atribuídas, são obras de referência que colocam os ditos bredos há muito na rotina dos portugueses.

É [em resumo] uma erva [daninha] comestível de ciclo anual, nativa da região mediterrânea mas naturalizada em várias partes do mundo, que não gosta mesmo nada de sombra e prefere chãos húmidos, tida como espécie invasora, mas [bio] indicadora da qualidade nutricional dos solos

(é) uma erva de porte erecto a prostrado talos algo carnudos e glabros, de limbos foliares emarginados, inflorescências em glomérulos axilares, às vezes com panículas terminais rectas, flores geralmente trímeras, monoicas, [As flores individuais são masculinas ou femininas, mas ambos os sexos podem ser encontrados na mesma planta, (e são plantas anemófilas).], frutos praticamente lisos ou com rugas suaves e de maior comprimento que o invólucro da flor, sementes pretas de contorno circular ou ligeiramente ovais, ocupando quase toda a cavidade do aquénio. Em Portugal, a época de floração acontece de Junho a Setembro.

Pese embora as obrigatórias precauções a considerar em relação à formação de nitratos nas suas folhas, esta infesta verdura é outra das ervas com percursos boticários identificados e de confessada excelência alimentícia.

De manifesto potencial como fonte de nutrientes tem narrativa consagrada nos manuscritos e respectivas abordagens agronómicas que guiaram a governança realenga das múltiplas propriedades de Carlos Magno nos séculos VIII/IX. Na Europa dos domínios do tal carolíngio império só seriam destronados pelos prestigiados espinafres [*Spinacea oleracea* L.] da corte francófona de Catarina de Médicis, pelo fim do século XVI com o narcisismo das futilidades da cozinha renascentista (...) No século XXI, ao que nos chega dos papers mais recentes de divulgação científica e de publicidades prescrições de alguns dietistas, as suas sementes já fazem

parte das recomendações nutritivas da NASA para missões de cuidados especiais. Já vão até aos céus! (É o que me contam!)

[E] todas as partes da planta são comestíveis todas — as raízes, folhas, ramos, as flores e sementes, algumas delas até de forma corriqueira e de variadas maneiras — sendo alimentos [bem] dotados de proteína e de concentrações expressivas em minerais, como potássio e ferro, ou de alta disponibilidade de cálcio, magnésio e zinco, muito ricos em vitaminas A e C e ricos em vitamina B1 e flavonoides (folhas), principalmente quercetina e rutina. Atendem também às insuficiências da maioria de vitaminas recomendadas pelo Committee on Dietary Allowances. Apresentam lignina e celulose, mostrando-se como excelentes fontes de fibras insolúveis, com os teores totais superiores ao dos cereais mais comuns. O seu consumo é sugerido em casos de continuadas anemias e perante alguns transtornos hepáticos mais moderados (...) desnutrição infantil e durante o aleitamento materno, uma vez que favorece a produção de leite [é lactígena]. Todavia, será de assinalar que gestantes e lactantes devem evitar a utilização de flores, fazendo uso apenas das folhas. Além disso, a planta, devido aos níveis e à disponibilidade de cálcio, também é muito útil na formação dos ossos e dentes permanentes. Por sua vez, as sementes — alimento sem glúten — com um turbilhão delas por planta, podem ser consumidas torradas, misturadas em bolos, tortas, empadas, pães, saladas (...) e — de futuro — serem utilizadas (em pó) como complemento alimentar pela sua riqueza vitamínica.





Não são saberes – alquimistas, boticários, dietistas... – de causa recente! De há muito que os beldros, tais *amaranthus*, foram ervas de uso medicinal multifacetado. Profusas [...] O persa Avicenna [980–1037], polímato do renascimento islâmico, evocada autoridade da medicina até ao século XVIII, num dos seus tratados, pelas informações de Francisco da Fonseca Henriques, entre outros autores estudiosos e comentadores da história da alimentação, dá-nos o mote para aquela mesurada convicção. As raízes usavam-se [externamente] contra infecções de pele, também no desafogo a enxaquecas e, em conjunto com as folhas, ajudavam no combate aos esquentamentos ou como cremes hidratantes e no tratamento de verrugas. Às folhas reconheciam-lhe capacidades diuréticas e laxantes. Até, pelos vistos, para resolver problemas de úlceras na boca se podia recorrer a um preparado obtido por percolação das ramas moídas!

Pela pluralidade de desempenhos e serventias os «beldros» — «huauhtli», «shravani maath», «raj-gira» (...) — os «amarantos» de outras linguagens desprovidas de engenho e órfãs de criatividade, com valor energético superior ao dos cereais mais conhecidos e sem os tais glútenes intolerantes aos pacientes celíacos (doença crónica do

intestino delgado já descrita na Grécia Antiga), de sabor quase neutro e textura muito agradável, são consumidos regularmente em muitas partes do mundo, onde eles conseguem medrar, onde a mesa os conquistou

na China continental ou nos territórios caribenhos [*Amaranthus cruentus* L.], no México [*A. caudatus* L.] ou por terras filipinas [*A. hypochondriacus* L.], principalmente em regiões montanhosas com escassez de alimentos energéticos e de poucas fontes de proteína animal, como ainda acontece nas cordilheiras andinas de sociedades agrícolas simples. Aqui e em toda a região de influência quíchua eram relíquias culturais, largamente agricultados nas civilizações pré-colombianas, há bem mais de dois mil anos, elevados a «celestial» alimento até às proibições patéticas por símbolo de paganismo pela «inquisitorial» colonização castelhana. São ainda nos dias de hoje um maná gastronómico tanto nas cozinhas tradicionalistas como nas múltiplas derivas culinárias contemporâneas — dos atoles oxaqueños em fervura de sementes acompanhados pelos inseparáveis tamales com recheio das suas folhas às chichas bolivianas de celebração para a festa dos compadres. E sabemos que já seriam consumidas regularmente pelos indígenas brasileiros bem antes do século XVII!

Curiosidades. Alguns autores, nomeadamente no Instituto de Biología de la Universidad Nacional Autónoma de México que lhe tem dedicado atenções acrescidas, entendem que o filósofo-naturalista, Teofrasto, que citou os seus dotes, se reportava não a nenhum membro da [antiga] família amaranthaceae e muito menos ao indígena huauhtli mas a uma ‘erva-da-imortalidade’ (ou ‘erva-sempre-viva’) do género *Helychrisum*, erva que os gregos usavam para fins medicinais e coroar estátuas de divindades. Esta confusão botânica é extensível a interpretações feitas a práticas e diferentes propostas de desempenho, como poderá ser no texto do filósofo indiano Vātsyāyana [Kama Sutra] para os ‘amarantos’ amarelos.

Já a Grécia dos nossos dias, nos cantos da Hellás que encanta qualquer catador de saberes e vivências rurais, ao que conheço – por exemplo – pela tradição do popular vlita ou vleeta [*Amaranthus hybridus* L.], são povo pioneiro no seu alarvado gasto alimentar, consumindo-se de rotina as folhas e os brotos tenros cozidos, apenas temperados com azeite e vinagre de vinho ao servir — até com retsinas avinagrados na terra onde o musculado Héracles venceu o leão (de Nemeia) da ciumenta Hera! (Também com sumos de limão ou de laranjas mais aciduladas). No entanto, como planta cultivada ou de hortas familiares, o maior produtor europeu ainda será a República Checa, sendo, essencialmente, aqui e na Eslováquia (na Áustria e Hungria danubianas), aproveitados os grãos para produção de farinhas com as quais se confeccionam massas, biscoitos, bolachas, bolos e pequenos pães, que há muito ganharam epíteto de tradição. Da mesma forma os cozinham — em usos paníferos — nos costumes turcos da sobrevivência, curdos, arménios...! ou, então, integrados nos clássicos bulgur e tabbouleh

na cozinha sírio-libanesa — em redor do lago Qattinah e nas margens do rio Orontes até à turca Samandag — além dos refogados dos rebentos jovens em azeite, cebola e pimentões, faz parte da confecção de muitos pilaf para acompanhar cordeiros assados.

É comer bem repousante e de acenar à sesta quando puxado por um arak envelhecido em ânforas de barro.

Em África o seu uso verifica-se em países como o Congo Uganda ou Nigéria, onde a cultura é uma prática bem arraigada nas comunidades rurais e com contornos de pseudo cereal. Na Índia, com consumos há muito generalizados e como provável pátria da sua primitiva domesticação, diferindo — apenas — as preparações de Estado para Estado, de Goa para Querala, das modestas preparações saag para os condimentados cheera thoran, é a multiplicidade de usos e modos de confecção. Mais exemplos, bem mais, poderiam aqui ser citados, agigantando a certeza da sua universalidade não só ao longo dos tempos. E há quem compare o valor nutritivo dos (daqueles) «beldros» ao da carne, denominando-os «a carne dos pobres».

A capacidade de reconhecer as ervas bravias comestíveis esta identidade tão nossa, esta causa que num futuro não muito distante [talvez] nos permita guarnecer parte do nosso equipamento básico de sobrevivência, partilhar tais segredos e saudar a valia da simplicidade perante as angústias depressivas dos actuais comedouros insociáveis. Comestíveis ou não, silvestres ou cultivadas, de horta ou de vizinhança dela, as plantas são antes de mais a harmonia que queremos com a Natureza e acima de tudo o respeito por nós próprios.

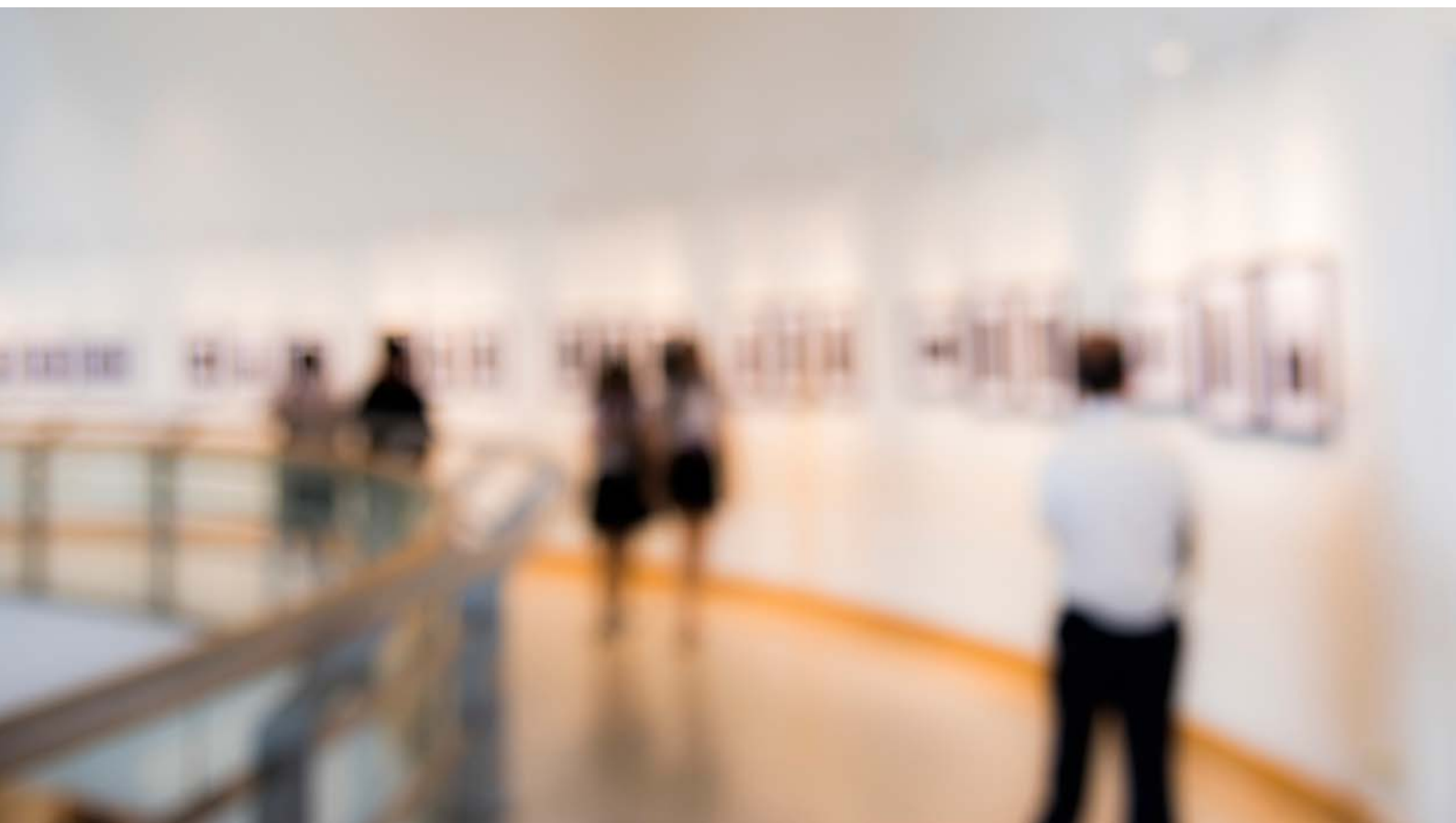


António Manuel Monteiro
Engenheiro Agrónomo

| SAÚDE E BEM ESTAR

Baixa Visão

O direito à reabilitação visual



Num mundo construído tendo por base a capacidade de ver, a visão, o nosso sentido mais dominante, é vital em qualquer parte das nossas vidas. As pessoas com Baixa Visão, têm mais dificuldade em andar, ler, comer, participar em atividades e trabalhar, entre muitos outros obstáculos do quotidiano, com impacto na saúde física e mental.

De acordo com o World Report on Vision da Organização Mundial de Saúde, pelo menos 2,2 biliões de pessoas no

mundo têm Baixa Visão, das quais 1 bilião de causas poderiam ter sido prevenidas ou tratadas. Esta prevalência não se distribui uniformemente no mundo, sendo mais prevalente em países subdesenvolvidos, em pessoas idosas e em comunidades rurais.

Com o crescimento e envelhecimento populacional, assim como com as mudanças no estilo de vida, a procura por cuidados médicos da visão aumentou. Na idade pediátrica, as



principais causas de Baixa Visão são catarata congénita, albinismo, nistagmo, retinopatia da prematuridade e glaucoma. Na idade adulta em países desenvolvidos, são a degeneração macular relacionada com a idade, glaucoma e retinopatia diabética. As consequências da Baixa Visão nas atividades de vida diárias e qualidade de vida podem ser mitigadas com acesso precoce a cuidados de saúde

e reabilitação visual. Existem várias componentes na reabilitação visual que são adaptadas às necessidades diárias de cada pessoa, nomeadamente orientação e mobilidade, ajudas para visão de perto e de longe, melhoria do contraste e visão periférica e estratégias de leitura. A otimização da visão residual e o ensino de capacidades que permitam usar essa visão no quotidiano promo-

vem a independência e a participação ativa na sociedade. O acesso à reabilitação visual é um direito e deve estar disponível para todos que necessitem. Por tudo isto, é imperativo reconhecer e celebrar as pessoas com Baixa Visão. Esta exposição destaca a importância do uso de outros sentidos e da visão residual num espaço que promove uma sociedade mais inclusiva e acessível a todos.

Exposição “Realces”



Sociedade Portuguesa de Oftalmologia



FUNDAÇÃO AEP

Encontros de Negócio da Diáspora

Os portugueses da diáspora podem constituir um veículo muito eficaz de promoção e divulgação da imagem do país, dos produtos nacionais, da língua e cultura portuguesa, contribuindo também para o setor do turismo, para o equilíbrio financeiro e, acima de tudo, para dar a conhe-

cer um país moderno e plenamente inserido na comunidade internacional.

Noutro sentido, existe uma parte dessa diáspora provida de enormes recursos financeiros, tendo construído impérios empresariais nos países acolhedores, os quais têm vindo a

demonstrar, cada vez mais, motivação para apostar o seu capital em investimentos em Portugal, contribuindo para elevar a captação de investimento estrangeiro.

O papel da diáspora na divulgação do país e dos seus recursos pode ser decisivo para a elevação da imagem externa do país, pela atuação da rede de portugueses e luso-descendentes de influência em diversas esferas de atividade e canalizada para o apoio à internacionalização das PME. Neste aspeto, o contributo pode ser decisivo pelo conhecimento das oportunidades e dos riscos que se apresentam às empresas quando procuram os mercados globais e através da proposta de soluções que contribuam para reduzir as barreiras a uma maior internacionalização da

economia portuguesa, assumindo-se como embaixadores do país e da oferta nacional nos mercados externos onde se encontram.

A Fundação AEP tem, por isso, uma convicção muito forte acerca da importância da Diáspora sendo hoje promotora do maior projeto para unir os portugueses em todo o mundo – a Rede Global da Diáspora (www.redegloba.pt). Por essa razão, marcamos presença junto das comunidades em sessões presenciais que nos permitem apresentar a dimensão social e colaborativa da Rede Global da Diáspora, mas, também, o seu potencial para a realização de negócios, envolvendo empresas e empresários espalhados pelo mundo.





Os Encontros de Negócios da Diáspora servem para criar momentos de aproximação entre empresários portugueses, residentes em vários países, para identificar e partilhar oportunidades de negócio na diáspora, capazes de fomentar o aumento das exportações, a captação de investimentos e o desenvolvimento de parcerias estratégicas.

Numa altura em que o relacionamento com a Diáspora

portuguesa consta da agenda política, com o lançamento de programas de apoio específicos como o Programa Nacional de Apoio ao Investidor da Diáspora (PNAID), a Rede Global da Diáspora visa a concretização de uma intervenção estruturante e pioneira para o País possibilitando o crescimento do networking orientado para a concretização de negócios globais.



10 000+
Participantes

3 500+
Empresas Presentes

50+
Oradores

300+
Parceiros

11^a
Edição



DDC Samsys
Dia do Conhecimento

INSCRIÇÃO GRATUITA

COΣPROZISSO

O maior e mais influenciador evento gratuito de
Desenvolvimento Pessoal e Profissional em Portugal

mais info em:



7 JUNHO 2024 | MULTIUSOS DE GANDOMAR

ddcsamsys.pt

Fred C.
e Castro

Fátima
Lopes

Ricardo
Monteiro

Rita
Piçarra

Madalena
Carey

Pauê
Aagaard

Sofia C.
Fernandes

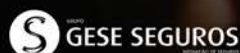
Ricardo
Costa



com o apoio de:



CENTURY 21.
Arquitectos





PELA LENTE DE
Luís Pavão



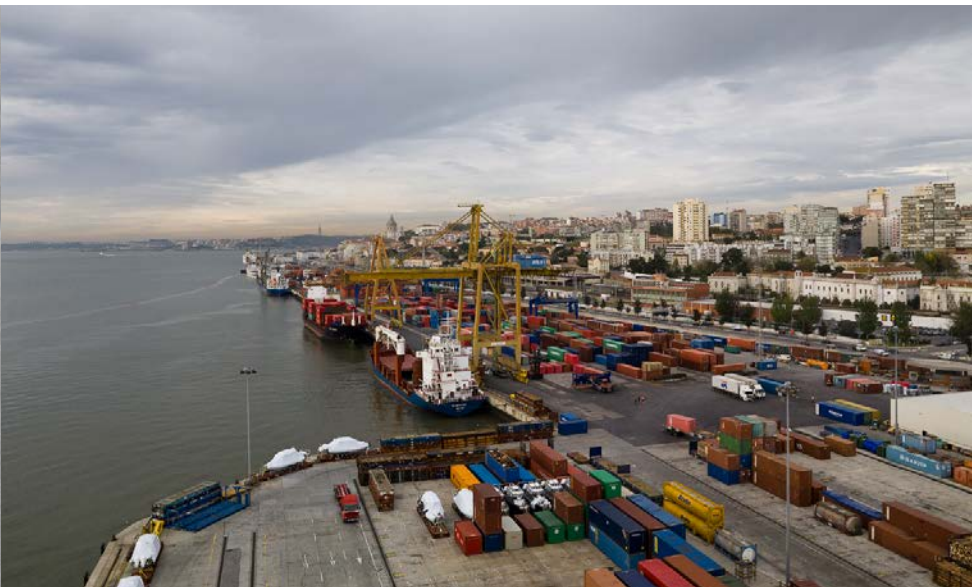
DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE



Luís Pavão nasceu em Lisboa, em 1954. Exercendo trabalhos de fotografia, desde 1979, conclui a licenciatura em engenharia eletrotécnica, em 1981, no Instituto Superior Técnico. Porém, não chega a exercer a respetiva profissão. Até 1986, trabalhou como fotógrafo freelancer, sobretudo no Alentejo e em Lisboa, na área da ilustração, elaborando coleções de postais, folhetos e publicações de âmbito regional. Durante este tempo, publicou dois livros de fotografias, intitulados «Tabernas de Lisboa» e «Fotografias de Lisboa à Noite». Entre 1986 e 1989, estudou Conservação de Fotografia, em Rochester, nos Estados Unidos da América, tendo concluído o mestrado no Rochester Institute of Technology, em 1989, com a dissertação “The photographers of Lisbon, Portugal from 1886 to 1914.” Exerceu a atividade de fotógrafo apenas no ramo da fotografia de arquitetura e do retrato. Tem também desenvolvido trabalho pessoal nos campos da fotografia panorâmica e da impressão fotográfica por processos alternativos (processos em prata, goma, platina e sais de ferro). É praticante dos processos históricos daguerreótipo e colódio húmido. Conservador das coleções de fotografia do Arquivo Municipal de Lisboa, desde 1991, destacando-se ainda na autoria de levantamentos fotográficos sobre a cidade tendo alguns deles dado origem a várias exposições. Recentemente, foi co-comissário das ex-





posições sobre Ana Maria Hoslstein Beck (2013) e Artur Pastor (2014). Dirige a empresa LUPA – Luís Pavao Limitada, especializada em conservação e digitalização de coleções de fotografia. Tem como principais clientes instituições portuguesas e espanholas, que detêm importantes coleções de fotografia desde os períodos cronológicos mais recuados até à contemporaneidade. Entre 1989 e 2001, desenvolveu atividades letivas na área da tecnologia da fotografia e processos fotográficos históricos alternativos, nas escolas AR.CO, em Lisboa; entre 2001 e 2015, foi professor na Licenciatura de Fotografia, do Instituto Politécnico de Tomar. Atualmente tem colaborado com a Universidade Autónoma de Barcelona e com outras diversas instituições, essencialmente oficinas, ministrando ações de formação, de curta duração, sobre conservação de fotografia. Para além da sua participação, com o antigo Instituto Português do Património Arquitetónico, em diversas publicações sobre arquitetura, azulejaria e património edificado português, é autor de vários livros, de entre os quais se destacam: – *Tabernas de Lisboa*, da Assírio e Alvim (1979); – *Fotografias de Lisboa à Noite*, da Assírio e Alvim, (1983); – *Conservação de Coleções de Fotografia*, da Dinalivro (1997); – *Lisboa em vésperas do terceiro Milénio*, da Assírio e Alvim (2002).

Arquivo Municipal de Lisboa



Sofia Teixeira de Freitas na sua intervenção no TEDxDelft

PROGRAMA REGRESSAR

Sofia Teixeira de Freitas

Emigrante na Holanda durante 15 anos, regressou a Portugal em 2023

Viveu ao todo 15 anos em Delft na Holanda. Depois de se ter licenciado em Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico, e ter trabalhado dois anos na área em Portugal, ingressou na carreira académica com um bolsa de doutoramento da FCT no estrangeiro na Delft University of Technology, Holanda. Seguiu-se um percurso na área de En-

genharia Aeroespacial como Professora na TU Delft onde desenvolveu a sua carreira académica na área de materiais leves e de alta resistência para estruturas aeronáuticas, focando-se em como juntar as peças destes materiais nas aeronaves de maneira leve e sustentável. Não deixe de ver a sua intervenção no [TEDxDelft](#) - “Holding aircraft together”.



Depois de 15 anos na TU Delft, Sofia Teixeira de Freitas voltou à sua alma matter e é agora Professora Associada no Instituto Superior Técnico na Universidade de Lisboa, Portugal. Recebeu o prémio de inovação “Young Talent” da Organização Holandesa para Investigação Científica e uma Delft Technology Fellowship dedicada a prestigiar jovens cientistas. Entre outros projetos de investigação, foi a Presidente da “COST Action CERTBOND” que reuniu 30 países Europeus e +100 membros no tema de juntas adesivas em compósitos. Ela é também uma creditada facilitadora de gru-

po e uma forte embaixadora da Diversidade e Inclusão no meio académico. A Sofia acredita que desenvolver um mundo académico enraizado na cooperação e inclusão é crucial para quebrar os limites tecnológicos que temos que alcançar para criarmos uma sociedade sustentável.

Sofia refere que “o programa Regressar foi uma ajuda muito positiva no Regresso a Portugal, e com a ajuda da Isabel Jorge, sentimo-nos bem acolhidos e bem vindos de volta a casa”, o que nos deixa a todos nós muito felizes pela missão cumprida.

Programa Regressar



José Albano
Diretor Executivo do PCRE



FALAR PORTUGUÊS

A língua e a roupa

Há pessoas que têm uma dificuldade imensa em lidar com a língua portuguesa toda. Em geral, gostam do português-padrão que se aprende nas aulas de português e se ouve nos discursos muito formais. Mas têm uma grande dificuldade em lidar com o português dos escritores, dos adolescentes, dos amigos, dos amantes, da terra onde nascemos, de certas ruas das cidades, o português dos insultos, dos palavrões, das profissões, dos dias bêbados. São pessoas que ficam nervosas com uma língua fora das estreitas margens que acham que devia ter. Têm medo que a língua se parta como se fosse um frágil cristal.

Estas pessoas não gostam que se diga «bué» (sabe-se lá por onde andou a palavra...), «o comer» (faz-lhes cócegas), que se diga «ok» (estrangeirismo imperdoável) — e há ainda quem imponha regras artificiais ao português, para ver se todos o usam de forma bem comportada (e cada vez mais limitada). São pessoas que gostam da ideia da língua portuguesa, mas têm um certo horror ao português tal como ele existe na boca dos portugueses. Ora, aconselho a que desapertem a gravata e tirem a camisa das calças. O português que usamos é como a roupa que temos no corpo. Se formos a uma entrevista de em-

prego, temos de ir vestidos de forma minimamente formal e quem nos disser o contrário está a enganar-nos. Mas se formos à praia, um fato e gravata é mais do que errado: é ridículo.

Em casa, sabe bem vestir um pijama.

No trabalho, às vezes temos de usar roupa adequada para mexer nesta ou naquela máquina — ou para trabalhar num laboratório.

E há momentos em que uma lingerie não fica mal, não senhora. Sim, aprender português não implica apenas aprender as apertadas regras do dialecto padrão, tal como aprender a vestir-nos bem não implica escolher um fato e usá-lo para todo o sempre. Convém conhecer todo um festival de diferentes roupas e combinações. Não é fácil, de facto, mas a vida seria tão mais cinzenta se todos nos vestíssemos de igual.

Mesmo entre quem percebe isto, há quem se limite a usar o que é adequado, há quem não faça ideia e erre sem querer, há quem não queira saber e use sempre a mesma coisa — e há ainda quem saiba dar um pequeno toque original à roupa que veste ou à língua que fala, mesmo quando vai para o trabalho.

Não sei se concordam comigo, mas parece-me errado gostar mais da ideia de roupa vazia do que da roupa à volta dum corpo de alguém, bem vivo.

Na língua é a mesma coisa — é errado pensar na língua sem os falantes, uma língua ideal, perfeita, nunca usada, guardada na gaveta ou nos livros de gramática. Perdoem-me, mas gosto mais de a ver usada no dia-a-dia, às vezes com uma ou outra nódoa, mas a servir as pessoas reais que

a usam. (E às vezes também é bom ficar sem roupa, que o silêncio é de ouro em certas horas.)

Temos de conhecer cada vez melhor a língua toda, a língua usada nas várias situações, treiná-la como a um músculo para expressar as nossas ideias e fazer com ela o que queremos. Para isso, tal como na roupa, temos de saber as regras de etiqueta para que nos levem a sério. O português bem-vestido é muito importante: precisamos dessa roupa formal para falar em situações formais, tal como precisamos da língua mais solta e mais livre quando precisamos de descansar e ir de férias.

Depois, não nos podemos esquecer que a roupa e a língua são úteis: agasalham-nos do frio ou são instrumento de comunicação. Mas são mais do que isso: com a roupa e também com a língua expressamos a nossa identidade. E, também pela roupa e pela língua, julgamos os outros de forma muito rápida e, às vezes, muito injusta. Será feio, mas será inevitável — somos um bicho complicado.

Vá, mas deixemo-nos de queixas: a roupa e a língua são também fonte de prazer, nos dias bons. Não são nada de sagrado: levamo-las bem chegadas ao corpo todo. Quando tudo corre bem, são confortáveis e deixam-nos bem-dispostos, por causa das cores ou do tecido, ou por causa da maneira como andamos e sorrimos.

Para que a roupa e a língua sejam mais fonte de prazer, tenho esta ideia muito estranha: podemos ser um pouco mais tolerantes para com a roupa que os outros vestem, um pouco mais criativos com a língua que falamos, um pouco mais abertos a experimentar e a aproveitar os dias de sol que aí vêm.



Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

FISCAL

Impostos

Todo o nosso sistema fiscal está feito para se evitar que existam salários altos e que se favoreça a existência de salários baixos.

Não aconselho ninguém a analisar as taxas de IRS dos nossos países vizinhos, pois mais vale viver na ignorância.

Tomemos como exemplo França, que tem como salário mínimo o montante de 1.766,69 Euros e as taxas de IRS são 30% mais baixas que o nosso, e facilmente, concluímos que o nosso sistema não faz qualquer sentido.

A nossa taxa máxima de IRS é de 48%, ou seja, o Estado fica com metade do ordenado de alguns contribuintes, e se tivermos em conta o efeito da Segurança Social, o Estado recebe mais do que alguns cidadãos por estes trabalharem... A aberração total.

Todos percebemos, que se a taxa fosse igual para todos, por exemplo, de 15%, o imposto obtido não seria igual, pois quem tem salários maiores paga sempre mais de quem ganha menos, mas mesmo sabendo desse efeito, o nosso sistema fiscal acha normal aumentar progressivamente essa taxa, até atingir o domínio do absurdo.

A meu ver o Estado deveria abandonar esta atitude de confisco, e tudo fazer para incentivar, que cada vez existam mais portugueses a ganhar cada vez



mais pois somente assim aumentaremos a natalidade e, por conseguinte, o número de contribuintes.

O Estado deveria também abandonar a atitude de sobrecarregar os trabalhadores de impostos e segurança social, e focar a sua atenção em alargar as fontes de obtenção de impostos.

Existem uma grande probabilidade de que muitas empresas estejam a obter lucros através da sua presença na internet, conseguindo gerir os seus negócios, de forma a não pagar os impostos devidos em nenhum país em que estão presentes. Deveria haver uma maior atenção sobre qual é efetivamente o imposto pago por sociedades como a UBER, AMAZON, AIRBNB, TEMU, casinos online, plataformas de investimento participativo, plataforma de venda de bilhetes de transporte, hotéis, etc., mas também por quem faz negócio através dessas plataformas.

Uma coisa é certa, se houver mais gente

a pagar impostos, não é necessário sobrecarregar sempre os mesmos.

Desde que pusemos fim ao estatuto de residentes não habituais, vários residentes com grande poder de compra, tem deixado o nosso país para regressar aos seus ou para destinos alternativos ao nosso, como é o caso da Eslováquia, Grécia, Roménia, Espanha, etc.

Espanha tem feito inclusive um grande esforço informativo para chamar a atenção destes residentes, deste que pusemos fim ao regime. Ora a presença destes residentes eram uma grande fonte de receitas de impostos pelo consumo que faziam no nosso país, e deles também dependiam muitos salários.

A capacidade dos portugueses para pagar impostos não é ilimitada, e por isso cabe ao Ministério das Finanças, garantir que as empresas públicas deem lucro ou pelo menos lucro zero, e que quem nos visita deixe cá o máximo de receitas para os impostos.

O objectivo deveria ser, que o máximo de pessoas e empresas paguem impostos, mas que o esforço feito por cada pessoa, seja o mais baixo possível. No limite, deveria acontecer como em Macau, em que os cidadãos não pagam impostos, pelo contrário ainda recebem do superavit que se verifica. Uma completa miragem para nós.

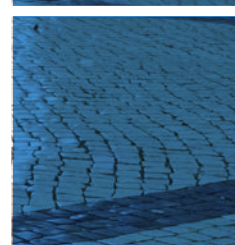


Philippe Fernandes
CEO Cisterdata





Portugal is a perfect destination



You can live better with less money, enjoy a superior quality of life and experience a vibrant and diverse culture.

Get your
number
one agency

Ei![®]
Assessoria
Migratória

eimigrante.pt